

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Proposições para uma  
abordagem  
semântica dos modais

Tese submetida à Universidade Federal de  
Santa Catarina para a obtenção do título  
de Livre-Docente junto ao Departamento  
de Língua e Literatura Estrangeiras

Julho, 1974

ROSA WEINGOLD KONDER

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção  
do título de Livre-Docente.

Especialidade: Língua Inglesa

Florianópolis, de de 1974

Banca Examinadora:

.....

.....

.....

.....

.....

DADOS BIOGRÁFICOS DE ROSA WEÍNGOLD KONDER

Brasileira, casada, professora de Inglês, nascida em 10 de março de 1923, na cidade do Rio de Janeiro.

Formação profissional básica

- Curso primário em escola pública da antiga Prefeitura do Distrito Federal, hoje Estado da Guanabara;
- Curso secundário na Escola Técnico-Secundária Rivadávia Correia, também do Estado;
- Curso de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade Nacional de Filosofia, Universidade do Brasil. Bacharelou-se em 1942 e em 1943 obteve o título de Licenciado.

Cursos de especialização e pós-graduação

- Curso de especialização, como bolsista do Conselho Britânico, no "University of London Institute of Education", em 1944/1945;
- Curso sobre "Linguística Geral", ministrado pelo Prof. J. Mattoso Câmara Jr., na UEG, em outubro-novembro de 1964;
- Primeiro Seminário Brasileiro de Orientação Linguística para Professores de Ensino Médio e Universitário, em julho de 1965, Guanabara;
- Segundo Seminário, do mesmo gênero, em julho de 1966, São Paulo;
- Curso de "Estrutura do Português", no VI Instituto Brasileiro de Linguística, realizado em Florianópolis, SC. Professor Antonio C. Quicoli;
- Curso de "Semântica", no mesmo Seminário, ministrado pela Professora Lúcia Lobato;

- Seminário sobre "A Gramática Transformacional e suas Aplicações no Estudo da Língua Inglesa", para professores do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da U.F.R.J., no 1º semestre de 1973. Professor Carly Silva.

#### Atividades didáticas

- Professora do Colégio Anglo-Americano, GB, 1942-43;
- Professora do Colégio Brasil-América, GB, 1944;
- Concurso para Professor de Inglês da Escola Técnica do Exército (atual-Instituto Militar de Engenharia), em 1946, tendo se classificado em 1º lugar;
- Professora da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, de 1946 a 1962; e de 1965 a 1969;
- Professora da Escola Técnica do Exército (atual IME) - 1947/62;
- Concurso para Professor de Ensino Médio do Estado da Guanabara, 1955, tendo se classificado em 1º lugar;
- Professora de estabelecimento de ensino médio do Estado da Guanabara desde 1958, lecionando, presentemente, no Colégio Estadual Pedro Álvares Cabral;
- Professora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Federal de Santa Catarina, de 1962 a 1965;
- Professora-Adjunta do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da U.F.R.J., a partir de 1965.

A par de suas atividades como professora permanente das instituições mencionadas, lecionou, no decurso dos últimos 20 anos, em diferentes cursos especializados ou temporários organizados por entidades oficiais, valendo mencionar o curso sobre "Aspectos Estruturais da Língua Inglesa", realizado a convite do De

partamento de Extensão Cultural da U.F.S.C., em Florianópolis, em outubro de 1970.

Além disso, tem participado de numerosos trabalhos relativos ao ensino do Inglês, inclusive na organização de concursos e na formação de bancas examinadoras de concursos, no Rio de Janeiro e em Florianópolis, bem como na elaboração de programas de ensino.

A meus alunos

de hoje,

de ontem,

de amanhã.

Meus agradecimentos:

- a todos que me apoiaram com seu incentivo;
- aos colegas do Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Faculdade de Letras da UFRJ, pelo estímulo constante, especialmente aos Professores:
  - . Afila de Oliveira Gomes
  - . Carly Silva
  - . Marlene Soares dos Santos;
- ao Sr. Graham Prosser, representante de Longman-Group no Brasil, que serviu de informante;
- às Sras:
  - . Lisette Palmeira do Nascimento, que se incumbiu de datilografar os originais,
  - . Maria Cecilia Malta Valle, bibliotecária da Faculdade de Letras da UFRJ,
  - . Marise Monteiro Guilherme, funcionária da Seção de Reprografia da Faculdade de Letras da UFRJ;
- à Professora Ivone Christoval, da UFSC, minha procuradora;
- à Universidade Federal de Santa Catarina, pela oportunidade de participar no concurso para Livre-Docente.

## SUMÁRIO

Introdução1. Definição dos Problemas

- 1.1 Os Precursores
  - 1.2 Gramáticas para Estrangeiros
  - 1.3 Dicionários
  - 1.4 Gramáticas para Falantes de Língua Inglesa
  - 1.5 Trabalhos Teóricos
  - 1.6 Algumas Conclusões Preliminares
- Quadro 1-I
- Referência Bibliográfica

2. Modalidade como Sistema

- 2.1 O Sistema da Modalidade segundo vários Autores
  - 2.2 Sistema da Modalidade segundo Halliday
  - 2.3 Definição do Sistema
  - 2.4 A Classe dos Auxiliares Modais
- Referência Bibliográfica

3. Análise das Categorias Semânticas

- 3.1 Os Atuantes nos Três Tipos de Orações do Inglês
  - 3.2 Protótipos de Sentenças Modais
  - 3.3 Determinação das Categorias Semânticas
- Quadro 3-I
- Quadro 3-II
- Referência Bibliográfica

4. O Falante e os Sentidos Circunstanciais

- 4.1 Origem dos Sentidos Circunstanciais
  - 4.2 Determinação dos Sentidos Circunstanciais
  - 4.3 Exemplos de Sentidos Circunstanciais
  - 4.4 Conclusões
- Referência Bibliográfica

Conclusões GeraisBibliografia



## RESUMO

O presente estudo propõe uma classificação dos auxiliares modais da língua inglesa segundo critérios semânticos. Os critérios adotados foram o das relações dos atuantes com o modal e o processo, e o das relações do modal com o processo. A aplicação do primeiro critério resultou na caracterização das categorias atuacionais em três tipos de relacionamento. Verificou-se que cada tipo de relacionamento é peculiar a duas categorias semânticas, as quais têm em comum um componente, este caracterizando o significado nuclear do campo. Uma categoria semântica se distingue da outra por um traço distintivo, o qual irá caracterizar o significado potencial.

Por sua vez, cada significado potencial gera usos circunstanciais em número variável e que são dependentes de um contexto de situação.

Procura-se provar, também, que as orações modais têm características semânticas próprias.

## ABSTRACT

In this thesis we propose two semantic criteria for the classification of the English modal auxiliaries.

The first criterion is the relationship between participants/modal/process. The application of this criterion to prototypes of modal sentences produced three kinds of relationships, each of which characterizes two semantic categories. In analysing the features of each pair of semantic categories, it was seen that they have one feature in common and one contrastive feature. The complete analysis resulted in the classification of the modal auxiliaries into three fields of nuclear meaning: assessment, coercion, and potentiality. Each field of nuclear meaning comprises two categories of potential meaning, which are, respectively: probability, possibility; permission, obligation; volition, capacity. Each potential meaning generates an unpredictable number of circumstantial meanings. The second criterion, the relationship between modal/process, showed that the modal clauses are semantically distinct from the transitivity types. According to our definition of the system of modality, the members of the class of modal auxiliaries are: will, would, shall, should, can, could, may, might, must, ought, need, have to, be to, had/'d better, dare, would/'d rather.

## INTRODUÇÃO

A escolha do tema foi motivada pelas dificuldades que o uso dos modais apresenta no ensino de inglês como língua estrangeira, no seu aspecto semântico.

Sabemos que o problema crucial no ensino é o da distinção entre a correção gramatical e a propriedade semântica. O estudante compreende mais facilmente a correção de um erro gramatical. Ele aprende ou memoriza as regras gramaticais e sabe que não pode dizer \*he cans, \*he doesn't can, \*he can to do e sabe que mustn't é uma proibição e needn't é ausência de necessidade. Mas já não é tão fácil com 'he might arrive tomorrow', por exemplo.

Foi a convicção de que os auxiliares modais deviam ser classificados segundo critério semântico que nos levou ao exame das obras sobre o assunto. Encontramos soluções parciais, nenhuma capaz de fornecer todos os elementos necessários a uma classificação semântica que caracterizasse nitidamente o sistema da modalidade.

O estudo da gramática sistêmica de Halliday, principalmente a parte referente à transitividade, convenceu-nos de que seria possível uma classificação semântica dos auxiliares modais a partir das relações dos atuantes com os modais e o processo.

Estabelecemos como limites deste estudo: a definição do sistema da modalidade, a determinação dos auxiliares modais e sua classificação semântica.

Os critérios adotados são: o das relações atuantes/modal/processo e o das relações modal/processo. A aplicação do segundo critério nos revelou serem as orações modais de tipo diferen-

te das não-modais, razão pela qual propomos, também, uma classificação semântica dos tipos básicos de oração modal.

É este um estudo inicial, que se for provado acertado, poderá ser aprofundado em estudos posteriores que abranjam os inúmeros aspectos do sistema da modalidade que deixamos de abordar.

A unidade de descrição é o enunciado.

No 1º capítulo examinamos o tratamento dado aos modais em gramáticas para estrangeiros, para falantes da língua inglesa e trabalhos teóricos, focalizando dois pontos: a classificação e a descrição semântica.

No 2º capítulo apreciamos os conceitos de modalidade de diversos autores até chegar a uma definição nossa e à determinação do número de auxiliares modais.

No 3º capítulo propomos uma classificação semântica.

No 4º capítulo analisamos alguns usos circunstanciais.

Finalmente, apresentamos algumas conclusões.

## 1. DEFINIÇÃO DOS PROBLEMAS

Faremos uma revisão do tratamento dado aos modais, a partir de Nesfield aos dias de hoje, por grupos, segundo a tendência, o método de abordagem e a natureza dos trabalhos.

Entre as gramáticas em uso para estudantes estrangeiros, escolhemos as mais representativas.

Achamos conveniente, também, examinar alguns dicionários, visto serem instrumento importante para conhecimento da língua, quer nativa ou estrangeira.

Como veremos, há dois problemas centrais em torno dos quais se situam as divergências: um se relaciona com a classificação e o outro com a descrição semântica.

No que tange à classificação, permanecem dúvidas quanto aos seguintes pontos:

- a) são os modais verbos auxiliares ou verbos principais;
- b) se auxiliares, pertencem à mesma classe de be, have e do ou formam uma classe independente;
- c) se constituem uma classe independente, quais os verbos que se qualificam para integrá-la;
- d) quais os critérios que devem ser utilizados para a qualificação?

Quanto à descrição semântica, as indagações se colocam no campo da maior ou menor generalização do significado de cada modal:

- a) haverá um significado unitário para cada verbo modal,
- b) ou estamos diante de formas polissêmicas de signifi -

cados tão divergentes a ponto de só poderem ser tratadas em termos de usos?

Vejamos as respostas que encontramos.

### 1.1 Os Precursores

Entre aqueles, a que chamaremos de precursores, estão Nesfield, Jespersen e H.E.Palmer.

#### 1.1.1 J.C.NESFIELD foi o primeiro gramático da língua inglesa a introduzir a classe de verbo AUXILIAR

Verbs have usually been subdivided into two classes, Transitive and Intransitive, and not, as is done in this book, into three, the third of which is Auxiliary. The last is an entirely distinct class.<sup>1</sup>

Tanto em 'English Grammar Past and Present' (1898) como em 'Outline of English Grammar' (1900), Nesfield define o verbo auxiliar como aquele que perde o sentido próprio e entra na formação de tempos verbais, modo ou voz. Desta forma, temos os mesmos verbos classificados ora como principais, ora como auxiliares. Se são principais, isto é, quando conservam seu sentido próprio, são transitivos tendo o infinitivo como objeto.

Sua classe de auxiliares compreende os verbos have, be, do, shall, will e may, sendo may, might, should e would auxiliares do subjuntivo. Caracteriza o subjuntivo como o modo da suposição.

1.1.2 Em 'Essentials of English Grammar' (1933), JESPERSEN apresenta shall, will, should, would, could, might, ought e had better como auxiliares no capítulo referente a tense, em que os dois primeiros são auxiliares para volição, obrigação e futuridade enquanto os outros formam "the preterit of imagination"<sup>2</sup>.

Na mesma obra, no capítulo dedicado ao infinitivo, "the so-called auxiliary verbs"<sup>3</sup> can, may, must, will, shall, do são seguidos do infinitivo, este na função de objeto.

A relutância de Jespersen em aceitar esses verbos como auxiliares transforma-se em rejeição em 'A Modern English Grammar on Historical Principles' Parte 5 (1940):

These verbs are often classed together as "auxiliaries"; the term is defined in NED "a verb used to form the tenses, moods, voices, etc., of other verbs". This seems somehow to presuppose the old-school view that tenses, moods, etc., are categories given once for all and invariable (or, in a crude form, that they are everywhere those found in Latin Grammar), so that may give, for instance, is a subjunctive...

Harold E. Palmer, in a recent pamphlet opposes the term "auxiliary" and sets up as a class "the 24 anomalous finites (otherwise the 24 finites forms of the 12 anomalous verbs)". This gives no solution of the special problem before us in this connexion, as his class includes be, have, and ought, which do not take the bare infinitive.<sup>4</sup>

Ali denomina-os de small verbs ou lesser verbs e são analisados sintaticamente da forma anterior.

1.1.3 H.E. PALMER, em 'A Grammar of Spoken English' dá-nos a explicação para a sua classe de anomalous finites.

Classifica, primeiro, os verbos em finites e verbals, levando em conta os usos. Caracteriza um finite como "that part of a sentence which predicates, exclusive however of complements, objects or modifiers"<sup>5</sup>.

De acordo com outro critério, o das flexões, estabelece uma outra classificação binária, segundo a qual os verbos que derivam a flexão -s da terceira pessoa do presente, a flexão -ed do passado e participio passado, e a flexão -ing do radical do verbo pertencem a uma living conjugation; os demais pertencem

cem a uma dead conjugation. Os Anomalous Finites, já critica - dos por Jespersen, pertencem à 'dead conjugation' e abrangem as formas finitas dos seguintes verbos: be, have, do, shall, will, can, may, must, ought, need, dare, used, tendo merecido o desligamento da classe devido a suas peculiaridades.

A distinção que faz entre Anomalous Finites e Auxiliary Verbs leva-nos aos mesmos resultados obtidos com Nesfield:

The term "Anomalous Finites", it should be remembered, is by no means synonymous with the term "Auxiliary Verbs" (or "Auxiliaries"); the two terms stand respectively for two separate grammatical categories having certain members and certain features in common, but otherwise entirely distinct ...

The verbs can, may, must, and ought, the members of which are always and in all circumstances members of the Anomalous Finites, cannot, according to any existing system of grammar, be considered as auxiliary verbs.

The verbs need and dare are occasionally members of the group, but are never auxiliaries.<sup>6</sup>

## 1.2 Gramáticas para Estrangeiros

Examinamos dezesseis gramáticas para estudantes estrangeiros, dentre as mais usadas em nosso País, constatando em todas a marca da contribuição desses três grandes precursores.

O conceito de verbo auxiliar é adotado pela maioria, enquanto que o de anomalous finites sofre variações com o correr do tempo até deixar de ser usado pelas gramáticas mais recentes.

Usaremos o critério do objetivo das gramáticas, isto é, o nível de conhecimento dos estudantes a que se destinam.

A referência, aqui, será feita aos nomes dos autores, to dos bastante conhecidos, e a data é a da primeira edição ou a última edição revista.



1.2.1 Destinados a todos os níveis, examinamos dois livros: uma gramática e um livro de exercícios com explicações gramaticais:

a) A gramática é a de THOMSON e MARTINET<sup>7</sup> (1969), que os autores julgam possa servir também de livro de referência para professores de inglês. Divide os verbos em duas classes: os auxiliares e todos os outros. A lista de auxiliares é a usual e os dois critérios que a distinguem são: "they help to form tenses and they are used with infinitives to indicate possibility, permission, ability, obligation, deduction, etc."<sup>8</sup>

A gramática é essencialmente normativa, apresentando um elevado número de distinções, esparsas ao longo de vários capítulos, muitas desnecessárias e algumas bastante obscuras, como, por exemplo, uma das regras "applicable to all auxiliaries ... d) auxiliaries are not normally used in the continuous tenses except for be when used in the passive voice"<sup>9</sup>, que não é exemplificada. A ausência de uma sistematização e o grande número de usos e diferenças tornam as partes referentes aos modais assustadoras para qualquer pessoa.

b) O segundo livro é de Stannard ALLEN<sup>10</sup> (1959), igualmente assistemático, contudo mais didático pelo fato de apresentar cada aspecto em grau crescente de dificuldade.

Quanto aos verbos auxiliares, não se define, "Auxiliary Verbs are sometimes called anomalous finites, special finites, or modal auxiliaries"<sup>11</sup>, e a lista é a usual. Reflete a influência de Jespersen, também, quando diz, "The form 'to have eaten' takes the place of the infinitive when certain constructions, notably 'is to', 'ought to', 'like' are used imaginatively in the past."<sup>12</sup>

1.2.2 Quanto às gramáticas para estudantes estrangeiros, em ní

vel intermediário, pouco há a dizer. São normativas e assistemáticas, sem exceção. Foram examinadas as dos seguintes autores:

a) SERPA (....)<sup>13</sup>; os auxiliares ora recebem o nome de auxiliares defectivos, ora de anômalos e defectivos, ora só de anômalos. O significado é visto em termos de usos antigos e modernos;

b) MILLER<sup>14</sup> (1946); segue Palmer na classificação. Quando não são auxiliares, atribui aos verbos um uso intensivo:

c) CORDER<sup>15</sup> (1960); é mais um livro de exercícios do que uma gramática, mas foi examinado por ser largamente adotado. Apresenta alguns auxiliares e verbos anômalos, sem explicações da terminologia. Indica alguns usos e distinções;

d) WARD<sup>16</sup> (1957), que também se destina a alunos adiantados e professores. Não fala nem em verbos auxiliares ou finitos anômalos, são simplesmente "special verbs"<sup>17</sup>. Esses verbos especiais são tratados em termos de peculiaridades, usos especiais ou usos idiomáticos. Nessa análise começa com conceitos que abrangem vários verbos, mas depois passa a examinar os usos de cada um. Estão incluídos entre os verbos especiais: be, do e have.

Faz uma curiosa distinção entre must e have (got) to:

Strictly speaking, there is a distinction of meaning between must and have (got) to: must expresses what can be described as an unexpected necessity, while have (got) to expresses a known necessity - i.e. a necessity that the speaker has not just suddenly realized.<sup>18</sup>

Pelo exemplo que dá para ilustrar essa distinção fica claro tratar-se apenas de uma diferença circunstancial.

1.2.3 Foram apreciadas oito gramáticas para estudantes adiantados:

a) Brian KELLY<sup>19</sup> (1940), a mais antiga e, sob todos os aspectos a melhor. Apresenta uma sistematização mais adequada, apesar de separar os modais por critério apenas morfológico e de fazer algumas distinções não mais existentes, como seria natural esperar.

Segue Palmer, destacando a importância dos anomalous finites aos quais chama de verbos fundamentais.

b) BLACKSTONE<sup>20</sup> (1954), segue Palmer e Kelly na designação. No prefácio diz, "The grammatical section is based rather on categories of thought than on the conventional distinctions of grammar ..."<sup>21</sup>

O tratamento semântico deixa muito a desejar: fala em um sentido geral (general sense), depois apresenta usos especiais (some special uses) aos quais acrescenta reações psicológicas, que são, provavelmente, as categorias do pensamento.

Uma das questões mais controvertidas tem sido o papel de can e could com verbos de percepção. Para Blackstone, "With verbs of perception they may take the place of the simple present or past."<sup>22</sup>

c) HORNBY<sup>23</sup> (1954), também segue Palmer, porém distingue duas classes. A segunda é a dos verbos modais ou auxiliares modais que são usados "to form certain moods for which English has no inflected forms."<sup>24</sup> Adota critério conceitual para apresentar os significados e usos e o resultado é bem pouco satisfatório. Variadas formas de expressar ordens, proibições, necessidade, permissão, probabilidade, possibilidade, desejos, contraste, etc. são apresentadas conjuntamente, entre elas os modais.

d) ECKERSLEY e ECKERSLEY<sup>25</sup> (1960), preferem special finites para a lista habitual, que é apresentada em conjunto, em

termos de usos. Quanto a can com verbos de percepção, a interpretação difere da de Blackstone, "With 'verbs of perception' the Continuous tense is not used; the use of can gives an appropriate equivalent to the Continuous tense ..."<sup>26</sup>

e) SCHIBSBYE<sup>27</sup> (1965), analisa os vários critérios segundo os quais os verbos podem ser classificados, chegando à conclusão de que nenhum é completamente satisfatório. Segundo o critério da função, os modais (can, may, must, ought, shall, will), inseridos na classe dos auxiliares, "may be said merely to express the condition for which the statement in question is valid."<sup>28</sup>

O tratamento é, também, em termos de usos, nada acrescenta de novo a não ser os exemplos tirados de livros, periódicos e outras fontes publicados depois da Segunda Guerra Mundial.

f) COOK<sup>29</sup> (1967), os mesmos verbos, apresentados como modal auxiliary verbs. Os usos são mais atuais, apesar da recomendação de que o estudante deve pedir permissão com may, por ser mais correto do que can. O futuro continua a ser tratado em termos de pure future time ou colorido por emoção.

g) Em PALMER e BLANDFORD, revisto por KINGDON<sup>30</sup> (1969), é mantida a classificação dos verbos, segundo o critério da função, em finites e verbals. A distinção entre living conjugation e dead conjugation é abolida.

Há, primeiro, uma classificação binária: conjugating e specific verbs; cada qual se subclassifica em finites e verbals.

Os finites da conjugating se dividem em temporals e modals. Os modais compreendem: will, shall, can, may, must, ought, need, dare, would, should, could, might. Used to é classificado nos temporais.

A abordagem semântica é igualmente inovadora. Quase

todos os modais têm um significado comum (ordinary) e um significado alternativo (alternative), como, por exemplo, WILL, cujo significado comum é willingness e o alternativo é wilfulness.

Há várias afirmações discutíveis, mas não cabe aqui o debate.

h) CHRISTOPHERSEN e SANDVED<sup>31</sup> (1969) - Os critérios adotados são de um formalismo extremado. Reconhecem somente dois tempos verbais, presente e passado, porque em inglês não há desinências verbais para indicar outros tempos. Os verbos habitualmente considerados modais por todos "can hardly be said to be verbs in our analysis ... They do not occur in the paradigm of save and sing".<sup>32</sup>

Contudo, são incluídos entre os auxiliares, os quais definem como palavras que ocorrem com outros verbos para formar grupos verbais ou frases verbais. Não há qualquer referência à modalidade nem a verbo modal. Na parte semântica, nada acrescentam de novo.

1.2.4 Entre os autores de obras descritivas mais gerais, destacamos dois:

a) ZANDVOORT<sup>33</sup> (1957), adota as definições de verbo auxiliar e de auxiliar modal dadas no Oxford English Dictionary, que são as de Nesfield. O tratamento semântico é o tradicional.

b) SCHEURWEGHS<sup>34</sup> (1959), é deliberadamente tradicional. Quanto aos modais, segue Palmer na classificação. A abordagem semântica é em termos dos usos mais comuns.

1.2.5 Observações

Como pôde ser constatado, os auxiliares modais ainda não adquiraram um status próprio na maioria das gramáticas para estu

dantes estrangeiros.

A abordagem semântica é insatisfatória, geralmente em termos de usos que se repetem com maiores ou menores variações em todas as gramáticas e livros didáticos examinados. É como diz Catford:

I recently looked into five different books on English grammar for foreign learners and noted how they dealt with the eight 'basic' English verb forms ... Each book listed 'the uses', or meanings, of these forms, but the number of uses ranged from 13 to 43!..

The foreigner may well despair of ever mastering the intricacies of English when he finds such disagreement among authorities. Is our language really so indeterminate? And, if so, why stop at forty-three uses? Since every occurrence is a different 'use' the number might well be infinite.<sup>35</sup>

### 1.3 Dicionários

É prática comum os professores dizerem que os alunos não sabem usar o dicionário. Isto pressupõe que deva haver uma técnica especial para sua utilização. Ninguém até hoje a criou, de modo que cada professor inventará uma ao sabor de sua imaginação ou bom senso. Não seria o caso de se perguntar a quem cabe a culpa? Não caberá aos próprios dicionários?

Nosso objetivo não é propor uma boa técnica semântica para a feitura de dicionários, mas ver em que medida os dicionários existentes são úteis para a compreensão dos modais.

Examinamos cinco dicionários: dois de autores brasileiros, um de autores ingleses destinado a estudantes estrangeiros, um britânico e outro americano. Uma pesquisa mais exaustiva foi considerada desnecessária, pois os outros dicionários pouco diferem desses.

### 1.3.1 Autores brasileiros

a) SERPA<sup>36</sup> (MEC, 1973), todos os modais aparecem com a indicação de verbo, com exceção de can, que vem como verbo defectivo, e shall e will, estes como verbos auxiliares do futuro. A be e have são atribuídos os significados de 'dever' sem o complemento to. Used to entra no verbete de use, v., (ju:z). Só há alguns exemplos para may e used to.

b) VALLANDRO<sup>37</sup> (1963). Pelas "noções fundamentais de gramática inglesa - O VERBO",<sup>38</sup> vê-se que o dicionário segue Nesfield.

Sem levar em conta a classificação, as impropriedades em relação aos significados são inúmeras. A título de ilustração, daremos dois exemplos:

- 1) must: aparece com um pretérito must, exemplificado com 'I ran because I must arrive in time' e traduzido por 'porque devia chegar na hora';
- 2) should é 'pretérito' de shall, em que um dos exemplos é 'why should I obey?', com a tradução 'porque havia eu de obedecer?'

### 1.3.2 Para estudantes estrangeiros

HORNBY et al.<sup>39</sup> (1963); do ponto de vista da classificação é eclético: enquanto os modais usuais são identificados como 'anomalous finites', com exceção de must (que recebe dupla classificação como verbo auxiliar e finito anômalo), já be to e have to só aparecem como verbos auxiliares. Could, might são dados como 'past tense', já should é dado como 'past tense form'. A lista de usos segue a norma tradicional, com a vantagem de ser cada uso ilustrado com sentenças simples do inglês moderno.

1.3.3 The Shorter Oxford English Dictionary, 3ª ed. (1952), é de inestimável valor como dicionário histórico e etimológico. Classifica a maior parte dos modais de auxiliares de predicação; já must só tem a indicação de verbo, usado como present tense; a should e would são atribuídas duas funções, uma temporal e uma modal; have to é verbo transitivo. Para esclarecimento sobre os modais, acredito que seria de pouca utilidade para o aluno estrangeiro, que provavelmente se perderia diante das longas listas de usos e citações.

1.3.4 The Random House Dictionary of the English Language (1966), é etimológico mas não histórico. A apresentação é mais clara e mais sistematizada. Há, porém, certas classificações incompreensíveis: may tem a indicação de verbo apenas; must é dado como verbo auxiliar em todos os casos menos um, em que aparece como verbo intransitivo quando significa 'to be obliged, feel compelled' - o exemplo ilustrativo é 'Do I have to go? I must, I suppose.'

Também would é tido como past tense e past participle de will. Used to é verbo intransitivo. Os outros verbos, inclusive will, são verbos auxiliares.

#### 1.4 Gramáticas para Falantes de Língua Inglesa

Escolhemos aquelas que julgamos mais representativas das diferentes tendências linguísticas e que de alguma forma tratassem dos modais.

1.4.1 Começaremos com FRIES<sup>40</sup> (1951), para quem um enunciado é a soma dos significados lexicais de cada palavra mais os significados estruturais. Divide as partes do discurso em CLASSES, numeradas de 1 a 4 em função das posições que ocupam na sentença, e em GRUPOS, que recebem letras de A a O, que são as



FUNCTION WORDS, segundo as CLASSES com as quais aparecem. Conforme este critério distribucional, os modais, termo que não usa, pertencem ao GRUPO B que sempre antecede a CLASSE 2. As palavras que compõem o GRUPO B servem para marcar as palavras da CLASSE 2 e também assinalam outros significados, em fórmulas especiais, significados esses que seriam estruturais. Temos, então, no GRUPO B os verbos, a que chamamos de modais, juntamente com HAVE/HAVE TO/BE/GET/KEEP/DO. Essa classificação revelou-se insustentável.

#### 1.4.2 Tanto Bárbara STRANG<sup>41</sup> (1968) como Forrest S. SCOTT<sup>42</sup>

(1968) adotam a rank-scale grammar de Halliday com elementos da gramática transformacional. O tratamento dado aos modais, porém é diverso. Para SCOTT os auxiliares são verbos que precedem outros verbos e têm as características da negativa sem do, etc. e os modais são, entre os auxiliares, aqueles usados "for marking certain kinds of structures and statements."<sup>43</sup> Não há qualquer referência a significados, limitando-se o livro à análise da estrutura sintática. Já STRANG se ocupa também com o aspecto semântico, apesar de remeter o leitor ao OED e a F. R. Palmer no tocante às funções. Propõe, tentativamente, o que chama de labels para os nove modais:

will, mood of determination;  
shall, mood of resolution;  
may, permissive;  
might, concessive;  
can, potential;  
must, compulsive;  
would, conditional;  
should, determinative - conditional;  
could, potential - conditional.<sup>44</sup>

Faz observações muito pertinentes quanto à impropriedade de se fazer distinções de tense de presente e passado:

The relationship between them | may/might | (as between will/would, shall/should) is certainly not, as OED implies, anything to do with tense in present-day English.<sup>45</sup>

A autora também ressalta que o elemento futuridade é dominante na maioria dos modais.

1.4.3 Neste item teremos dois representantes da gramática transformacional.

ROBERTS<sup>46</sup> (1967), para quem o modal é um dos segmentos opcionais da regra para Aux, assim representada:

Aux --> tense + (M) + (have + part.) + (be + ing)

Indica can, may, will, shall e must como os modais comuns do inglês. Acrescenta dois semi-modais, dare e need e refere-se a ought to, have to, be to e be going to como outras formas de Aux na VP - algumas com significados semelhantes aos dos modais, mas, que por não se comportarem exatamente como eles, não podem ser incluídos entre os mesmos. Se incluídos gerariam sentenças não gramaticais como "\*Ought to he go?"<sup>47</sup> Apesar de dizer que os modais, embora simples na forma, são complexos quanto ao significado, este é abordado de maneira bastante superficial. Define os modais como sendo palavras que modificam o significado do sintagma verbal, dando-lhe geralmente um significado de futuro e mais outros significados.

JACOBS e ROSENBAUM<sup>48</sup> (1968), questionam a existência de auxiliares na estrutura profunda e dizem que nenhuma resposta de finitiva pode ser dada. No entanto, considerando que a transformação interrogativa sugere a possibilidade de existir um au-

xiliar na estrutura profunda, chegam à conclusão de que o auxiliar é parte da EP. Esta análise difere da anterior, pois nos dá o auxiliar desligado do sintagma verbal. Assim, teríamos:

S ---> NP AUX VP

no lugar de S ---> NP + VP

Não se ocupam da parte semântica dos modais.

1.4.4 Teremos, agora, uma gramática prática. Trata-se de "A Practical English Grammar"<sup>49</sup> (1969), em que os autores, apesar de não adotarem uma análise comprometida com qualquer das diferentes correntes, dizem valer-se do trabalho realizado, nos últimos anos, pelos linguistas no campo da gramática inglesa. Distinguem entre modais propriamente ditos: can, could, will, would, may, might, shall, should, e modais especiais: ought to, had better, would/had rather, dare e need. Estes são designados por outras expressões e incluídos por se comportarem como modais e por terem "similar kinds of meaning"<sup>50</sup> Como ROBERTS atribuem a dificuldade em relação aos modais aos seus significados. Quanto a can/could com verbos de percepção, dizem:

"We could hear someone coming upstairs". It is true that this sentence communicates to almost everybody that we actually did hear someone, and is thus equivalent to "We heard someone coming upstairs". This is through the connotation, however, and not the denotation of the modal. Could in itself states nothing more than the potentiality of our hearing.<sup>51</sup>

Esta observação vem a propósito da definição geral de que os modais expressam situações não atuais e que só referem a acontecimentos objetivos por implicação.

Como gramática prática cumpre seu objetivo com clareza de exposição, sendo digno de nota o fato de os modais serem

tratados em capítulo especial.

1.4.5 Juntamos, neste último item sobre gramáticas para falantes da língua inglesa, duas obras recentes que são resultado de um longo trabalho de pesquisa e que nos dão uma descrição sincrônica do common core da língua inglesa em um nível de alta qualidade, só possível devido à contribuição que as diversas correntes da linguística trouxeram para a compreensão do mecanismo da linguagem e da gramática.

Em A GRAMMAR OF CONTEMPORARY ENGLISH<sup>52</sup> (GCE) (1972), a classificação dos verbos, segundo critério de status e função no sintagma verbal, é tricotômica: auxiliares, semi-auxiliares e lexicais. Os verbos auxiliares se subdividem em auxiliares primários (do, have, be) e auxiliares modais (can, could, may, might, shall, should, will/'ll, would/'d, must, ought to, need, dare, used to).

A modalidade, porém, não é definida; por ser o critério puramente formal, need e dare são considerados modais marginais enquanto have to, be to, had better fazem parte dos semi-auxiliares. A descrição semântica é feita em termos de significados principais de cada modal, com exemplos e às vezes paráfrases, além das indicações de diferenças entre inglês britânico e americano, diferenças de registro e indicações de stress. A negativa, tratada em termos de escopo e a interrogativa, em termos de orientação positiva ou negativa das perguntas de Yes/No, são dadas em outro capítulo.

Mesmo discordando em parte com a classificação dos modais e com o tipo de abordagem semântica, é forçoso admitir que esta gramática oferece um novo padrão de descrição linguística.

A UNIVERSITY GRAMMAR OF ENGLISH<sup>53</sup> (UGE) (1973) é uma edição condensada da que acabamos de comentar. Apresenta algumas

modificações em relação à anterior, e aqui apontaremos as que dizem respeito aos modais. Enquanto que na GCE não há qualquer referência a modo, a UGE diz:

Mood is expressed in English to a very minor extent by the subjunctive, ... to a much greater extent by past tense forms ... but above all, by means of the modal auxiliaries...<sup>54</sup>

Um outro ponto, de caráter geral, é relativo ao uso da palavra tense: a GCE diz "Only some of the modals have parallel uses in the present and past tenses"<sup>55</sup> e a UGE "Only some of the modals have corresponding present and past forms."<sup>56</sup>

Ao dar os significados de would, a UGE acrescenta em nota "Volition with preference is expressed with would rather/sooner"<sup>57</sup> e em nota aos significados de ought to: "Still less categorical than ought is had/'d better/best (plus bare infinitive)".<sup>58</sup>

Há outras diferenças menores que deixaremos de mencionar, mas nos parece que as que observamos na UGE representam correções à GCE.

## 1.5 Trabalhos Teóricos

Os trabalhos teóricos serão agrupados, também, pelo que possam ter em comum. Certos aspectos de alguns deles não serão tratados aqui, já que serão apreciados em outro capítulo.

1.5.1 Os trabalhos de TWADDELL<sup>59</sup> (1960), DIVER<sup>60</sup> (1964) e F.R. PALMER<sup>61</sup> (1965) têm em comum a preocupação da classificação dos verbos.

TWADDELL divide a classe dos auxiliares em auxiliares primários e auxiliares modais segundo critério morfológico (-s do presente) e segundo a sintaxe do passado (completa/incompleta).

Para PALMER, estes critérios não são suficientes. Considera como mais importante a posição dos auxiliares nos dois sistemas, primário e secundário, da frase verbal simples.

DIVER adota um critério completamente diverso, o da diferença numérica das distinções temporais. Considera irrelevante o fato de um verbo ter características lexicais ou distribucionais semelhantes às dos modais.

Naturalmente, os resultados são diferentes, como poderá ser visto no Quadro 1-I.

As oposições e os esquemas que Diver estabelece são insustentáveis.

A impressão que temos é que partiu de esquemas para depois enquadrar os fatos, e o resultado é que os fatos nem sempre se enquadram nos esquemas.

Como exemplo do que estamos afirmando, vejamos a primeira oposição do sistema da possibilidade. É o esquema II, o mais simples, em que mostra a oposição Past/Non-Past: há um termo não marcado em cada caso e um marcado, que é before. Os termos não marcados são, respectivamente, might e may; os de before são might have e may have. Citaremos os exemplos:

Signal: might; Meaning: Past. They told me last week  
he might be here yesterday.

Might have: Past Before. They told me yesterday he  
might have been here last week.

May: Non-Past (Present). He may be here now.

May: Non-Past (Future). He may be here tomorrow.

May have: Non-Past (Present) Before. He may have been  
here last week.

May have: Non-Past (Future) Before. He may have been  
here and gone tomorrow.<sup>62</sup>

Acreditamos que estes exemplos dispensem comentários.

PALMER dá os significados dos modais em termos de usos, fazendo a distinção entre eles segundo critérios formais. Um deles é o da colocação com advérbios de tempo. Aplicado a can, distinguiria o uso ability, que não admitiria colocação com advérbios de tempo futuro, tendo de ser usada a forma equivalente will be able to.

Como não dá outros usos de can 'ability', segundo essa regra, o uso 'ability' fica limitado à noção de achievement, conforme fica evidente pelo exemplo dado "when he's older he'll be able to lift a hundredweight."<sup>63</sup>

Outro critério que estabelece serviria para distinguir will 'futurity' de will 'volition': o da ocorrência em if-clauses. Só will de volição ocorreria depois de if. Este critério é posto em dúvida por Huddleston:

Palmer ... uses occurrence in an if-clause as a criterion: he claims that the will of volition, but not that of futurity, can occur in conditions: if he'll come tomorrow, but not if it'll rain tomorrow. But a will of futurity can occur in an if-clause where the meaning is 'if it is the case that' - e.g. well, if the match will probably be over by tea-time let's get going immediately.<sup>64</sup>

Critérios formais para distinguir usos correm o risco de serem contrariados pelos fatos; transformam-se invariavelmente em regras normativas sujeitas a um número imprevisível de exceções.

1.5.2 Dois trabalhos recentes que seguem orientação transformacional ocupam-se dos modais: um, especialmente; e o outro, dos auxiliares em geral.

BOYD e THORNE<sup>65</sup> (1968), em 'The semantics of modal verbs', não fazem uma análise semântica dos verbos modais como o título do estudo levaria a crer. O que propõem é uma análise da estr

tura profunda das sentenças modais para determinar o tipo de ato de fala indicado pelos modais, "we treat the modal verbs as indicating the illocutionary potential of the sentences in which they occur."<sup>66</sup>

Segundo essa análise, os modais têm traços simples ou modificados na EP, os quais caracterizam o illocutionary potential da sentença modal. Esses traços são, em resumo, state (de statement), imp (de imperative), predict (de prediction), subjunctive, em que imp e state podem ser modificados por um traço nec (de necessity).

O que nos parece mais importante na análise é o fato de verem na sentença modal dois elementos oracionais: um que contém o illocutionary potential, ligado ao modal e ao falante, e outro ligado ao conteúdo da proposição. Assim a estrutura profunda de "He may go" (permissão) seria: "I state Neg Some perform imp non-past him Neg He go non-past" e a de He may go (possibilidade) seria: "I state Neg I state non-past Neg He go non-past."<sup>67</sup>

Já Leech não concorda com essa análise:

An extension (to my mind, unwarranted) of the element of speaker - involment to the definition of all modal auxiliaries is proposed by Boyd and Thorne, using J.L.Austin's concept of "illocutionary force."<sup>68</sup>

Não consideram modais will = willing e can quando = be able to, com verbos de percepção e quando admite paráfrase com sometimes - por só conterem um elemento oracional. Neste ponto somos nós que não concordamos.

ROSS<sup>69</sup> (1969), apresenta dois argumentos, baseados na ordem dos constituintes da estrutura frasal de várias línguas, para provar que os verbos auxiliares são todos verbos principais



na estrutura profunda. Segundo essa análise, os modais teriam to das duas estruturas profundas: numa seriam intransitivos, na outra transitivos, o que corresponderia aos dois sistemas de Halliday, o da modality (intransitivo) e o da modulação (transitivo), como veremos adiante.

### 1.5.3 Baseados em corpus, temos três trabalhos:

JOOS<sup>70</sup> (1964), utiliza o relato do julgamento de um homicídio, escrito em inglês semiformal, de autor britânico.

Distingue entre auxiliares modais e quasi-auxiliares, mediante o critério das diferenças formais e o semântico, este em termos da natureza do significado, segundo o qual os modais teriam significados privativos e os outros teriam, também, um significado aditivo. Estes dois tipos de significado não são explicados pelo autor, portanto ficamos sem saber o que entende por significados privativo e aditivo.

Joos chega aos significados, ou melhor, às definições dos modais do sistema moderno através de três pares de oposições, don de temos seis variáveis que entram em combinação, cada variável aparecendo quatro vezes. Assim, temos  $6 \times 4 = 24$ , o que nos dá o cubo semológico, onde cada face, que representa uma variável, é ocupada por quatro modais.

Esta simetria, embora desejável, não se mantém porque não é possível estabelecer uma relação semântica entre os modais em cada face do cubo. Vejamos duas das faces, como exemplo:

Assurance (WILL, SHALL, MUST, OUGHT TO) comes from penalties for failure of the specified event to occur; but Potentiality (CAN, MAY, DARE, NEED) comes from immunity in case the actor brings the event to completion.<sup>71</sup>

EHRMAN<sup>72</sup> (1966), apresenta uma pesquisa sobre um corpus não específico da prosa americana de 1961. A motivação do estudo foi verificar se a classificação semântica de Joos seria aplicável ao inglês americano.

Usa critérios formais para determinar a classe, considerando como crucial o fato de não poderem vir imediatamente precedidos por outro verbo. O objetivo principal é descobrir um significado básico para cada modal, isto é, um significado que se aplique a todas as suas ocorrências "In a sense it is the lowest common denominator of all the occurrences, for the determination of which context is unnecessary."<sup>73</sup>

Constata que a maioria dos modais tem significados subsidiários derivados do significado básico. A esses chama metaforicamente (como diz) de overtones.

Os overtones acrescentam alguma coisa ao significado básico, porém não abrangem todas as ocorrências e são todos condicionados por elementos do contexto.

Como resultado da pesquisa, chega à conclusão de que a análise de Joos não se aplica ao inglês americano, como também, com a exclusão de need e dare, sua construção geométrica fica prejudicada.

Os sentidos básicos são definições vagas, bem como as definições dos overtones que dá nas conclusões. Porém, ao longo do texto, é possível verificar que tanto os sentidos básicos como os overtones correspondem aos significados usuais atribuídos aos modais.

Can, que tem o sentido básico "nothing in the state of the world prevents the predication",<sup>74</sup> apresenta três overtones:

- A) there are certain positive qualities of the subject such that the way is cleared for the predication;
- B) no lack of permission prevents the predication;
- C) nothing in the state of the world prevents the occurrence of the predication.<sup>74</sup>

Podemos traduzir o sentido básico e os overtones pelas indicações dadas pela própria autora na análise dos dados.

Como exemplo de significado básico apenas, dá:

"(1) "You can get something" ... "You can get a job working in a grocery store, if nothing else".<sup>75</sup>

Seria por nós interpretado como possibilidade, do tipo 'possible for'.

"Closely related to the basic meaning is a relatively rare one of permission (3) Even though this is my rock, you can use it sometimes."<sup>76</sup> Aqui não há necessidade de tradução, pois é só relacionar permission com B.

O estudo de Ehrman assemelha-se muito a uma análise estilística, porém faltando nela uma sistematização que facilite a compreensão do leitor.

O terceiro trabalho é de HUDDLESTON<sup>77</sup> (1971). A descrição sintática basea-se na teoria da gramática transformacional. Considera que os auxiliares são verbos principais na estrutura profunda, dizendo "suffice here to say that the main justification is that auxiliaries are like full verbs as far as 'deep' tense selection is concerned."<sup>78</sup>

Entre os vários exemplos que dá, temos, na mesma página, 'John may have done it yesterday', que analisa com tendo um tempo (tense) passado associado a do e um tempo (tense) presente associado a may.

Observa que, segundo essa análise, alguns modais têm duas construções diferentes, cada construção correspondendo a um significado diferente, chegando assim às mesmas conclusões de Ross.

No capítulo 'The Modal Auxiliaries' adota os quatro critérios de Ehrman e mais o de code, porém como características ou propriedades sintáticas da distribuição dos modais na estrutura de superfície, "though the class is not any the less interesting for this fact".<sup>79</sup> Inclui need e dare na classe dos modais, apesar de pertencerem a duas classes de verbos, por terem o mesmo significado em ambas.

A descrição semântica é em termos de usos, como não podia deixar de ser tratando-se da análise de um corpus, onde os usos podem ser depreendidos por outros elementos do texto.

Os textos sendo científicos, é natural que o autor tenha encontrado para may e might usos como: generalização qualificada, legitimidade, etc. Mas não entendemos, por exemplo, o uso exhaustive disjunction para esses verbos, principalmente porque Huddleston declara que seus critérios serão mais semânticos e menos formais do que os de Palmer. Neste caso, a nosso ver, ultrapassa Palmer em formalismo. Um dos exemplos de exhaustive disjunction é "(6) These anemones may be blue or dull green in colour."<sup>80</sup>

Não queremos dizer que usos como os apontados por Huddleston sejam exclusivos de textos científicos; poderão ser encontrados em qualquer texto escrito ou não. Porém, outros usos dos modais existem que certamente não serão prováveis neles, como não foram encontrados nesse estudo os usos que o autor chama de willingness, sensation (de can), nem os de volition (de will), entre outros.

1.5.4 Os trabalhos não baseados em corpus são, também, três, dos quais dois são do mesmo autor.

LEECH<sup>81</sup> (1969), combina a análise sistêmica ou componencial com a análise estrutural por achar que ambas são partes necessárias de uma teoria semântica total. Assim, na análise sistêmico-estrutural a descrição semântica se relaciona com a descrição formal, isto é léxico-gramatical, através de regras de realização ou expressão. Para Leech, a análise pode ser feita tanto a partir do sistema como da estrutura, tendo preferido uma análise em que as especificações semânticas são consideradas como entrada por razões de facilidade.

Entre as regras de expressão dá o dicionário e as gramaticais, estas compreendendo dois tipos: feature expression rules e segmental expression rules. Quanto a ordenação diz:

It seems preferable to consider the rules of expression ordered so that a "dictionary search" precedes the segmental rules of grammatical expression; i.e. to let lexical choices determine some grammatical choices, rather than vice versa.<sup>82</sup>

Essas observações são essenciais para compreendermos sua análise dos modais.

Para determinar a estrutura lógica de alguns auxiliares modais, começa com a listagem de alguns significados, como num dicionário. A ênfase em 'alguns' é nossa e tem o propósito de mostrar que Leech não pretende tratar de todos os modais, nem de todos os significados. Escolheu seis: may, can, must, have to, will e shall.

May e can têm os significados de permissão e possibilidade, sendo que can tem ainda o de capacidade, habilidade; must e have to têm os significados de obrigação e necessidade lógica; will aparece com os significados de volição fraca ('willingness') e de volição forte ('insistence'); shall com os mesmos significados de will, só que atribuídos ao falante e com a indicação de não serem comuns. As relações entre os dois significados de ca-

da modal (deixa de considerar can 'capacidade, habilidade') são explicadas em termos de uma relação entre inversos, "if one term is substituted for the other and the position of the negative is changed, the utterance undergoes no change in meaning".<sup>83</sup>

Para chegar à descrição semântica de cada modal, estabelece uma série de sistemas que irão fornecer os componentes da definição.

Em seu outro livro, Leech<sup>84</sup> (1971), além de tratar dos seis modais anteriores, acrescenta need (como modal) e outras expressões verbais; que não considera auxiliares modais.

A abordagem semântica é semelhante, isto é, começa com os significados do dicionário, analisa as relações, porém sem o caráter teórico da análise componencial, na qual, evidentemente, se basea.

O último trabalho, com o qual encerramos essa revisão, é o de HALLIDAY<sup>85</sup> (1970).

Difere de qualquer outro, tanto no tratamento quanto nas conclusões. Reconhece, na modalidade, dois sistemas - o da modalidade propriamente dita e o da modulação - que se inter-relacionam e que se fundem num só sistema através da função interpessoal.

As categorias semânticas da modulação são apresentadas como categorias principais, o que pressupõe que haja outras, correspondendo assim a uma análise em termos de usos.

Como julgamos ser esse estudo, entre todos, o mais importante deixamos o destaque de seus aspectos principais para o próximo capítulo.

Entretanto, cumpre assinalar desde já que sua lista de modais, em nossa opinião, é incompleta.

## 1.6 Algumas conclusões preliminares

Nos trabalhos apreciados procuramos encontrar soluções para as dúvidas suscitadas. O que foi visto, acreditamos, justifica as seguintes conclusões:

a) há uma classe de auxiliares modais na gramática de superfície;

b) o número dos componentes da classe não pode ser resolvido por critérios formais, quaisquer que sejam;

c) os modais são formas polissêmicas, portanto não podem ser tratados em termos de significado unitário;

d) a análise semântica em termos de usos, baseada ou não em corpus, será sempre incompleta;

e) os modais mantêm um tipo de relacionamento que permite classificá-los em diversas categorias semânticas;

f) a abordagem baseada nas funções da linguagem é insuficiente para determinar as categorias semânticas dos modais;

g) a análise componencial é insuficiente para caracterizar o sistema da modalidade;

h) é essencial, tanto para a delimitação dos auxiliares modais como para a determinação das categorias semânticas, uma definição do sistema da modalidade.

QUADRO 1-I - CLASSIFICAÇÃO DE MODAIS SEGUNDO DIFERENTES AUTORES

Verbos	Autores									
	TWADDELL, W.F. (1960)	DIVER, W. (1964)	JOOS, M. (1964)	PALMER, F.R. (1965)	EHRMAN, M. (1966)	BOYD, J. & THORNE, J.P. (1969)	HALLIDAY, M.A.K. (1970)	HUDDLESTON, R.D. (1971)	LEECH, G.N. (1971)	QUIRK, R. et al. (1972)
DO/DID .....	-	Modal aux.	-	-	-	-	-	-	-	-
WILL/WOULD ..	Modal aux.	"	Modal aux.	Modal aux.	Modal aux.	Modal	Modal aux.	Modal aux.	Modal aux.	Modal aux.
SHALL/SHOULD	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
CAN/COULD ..	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
MAY/MIGHT ..	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
MUST .....	"	"	"	"	"	"	"	"	"	"
OUGHT .....	"	" +to	" +to	"	" +to	" +to	" +to	"	Marginal modal	" +to
NEED .....	"	-	"	" (NEG only)	Marginal modal	" (NEG)	"	Modal & Non aux. v.	" (NEG/INT)	Marginal modal
DARE .....	"	-	"	" (NEG " )	" "	-	-	" " " " "	-	" "
BE TO .....	Full Verb with Formulaic Function	-	Quasi-auxiliary	Modal	-	-	"	Modal	More like full finite-verbs construction	Semi-auxiliary
HAVE TO ....	Full Verb with Formulaic Function	-	" "	Full Verbs	-	-	-	Split-subject construction	Modal	Semi-auxiliary
HAD BETTER ..	-	-	? petrified unreal conclusion	May be identified as Modal aux.	-	-	-	-	Marginal modal	Semi-auxiliary
WOULD/RATHER HAD .....	-	-	? had rather + petri- fied unreal conclusion	-	-	-	-	-	-	-
USED TO ....	Full Verb with Formulaic Function	-	Quasi-auxiliary	doubtful member the class of auxs.	-	-	-	dialectal differ- ences: modal/ non modal	-	Marginal modal
SHOULD = +MUST/HAVE TO	-	-	-	-	-	-	-	-	Marginal modal	-
NEED TO (simi- lar to Need).	-	-	-	-	-	-	-	-	Full lexical verb.	-



## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- <sup>1</sup> NESFIELD, J.C. English Grammar Past and Present, p.53
- <sup>2</sup> JESPERSEN, Otto Essentials of English Grammar, p. 257
- <sup>3</sup> \_\_\_\_\_ Op.cit., p. 329
- <sup>4</sup> \_\_\_\_\_ A Modern English Grammar on Historical Principles, V, p. 172-3
- <sup>5</sup> PALMER, H.E. A Grammar of Spoken English, p. 94
- <sup>6</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p.122-3
- <sup>7</sup> THOMSON, A.J. and MARTINET, A.V. A Practical English Grammar
- <sup>8</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 59
- <sup>9</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 60
- <sup>10</sup> ALLEN, W.Stannard, Living English Structure Practice Book for Foreign Students
- <sup>11</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p.31
- <sup>12</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 203
- <sup>13</sup> SERPA, Oswaldo, Gramática da Língua Inglesa
- <sup>14</sup> MILLER, Cyril, A Grammar of Modern English
- <sup>15</sup> CORDER, S. Pit., An Intermediate English Practice Book
- <sup>16</sup> WARD, John Millington, Peculiarities in English Grammar.
- <sup>17</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p.1
- <sup>18</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p.2
- <sup>19</sup> KELLY, Brian, An Advanced English Course for Foreign Students

- <sup>20</sup> BLACKSTONE, Bernard, A Manual of Advanced English
- <sup>21</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., VI
- <sup>22</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 69
- <sup>23</sup> HORNBY, A.S. A Guide to Patterns and Usage in English
- <sup>24</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 3
- <sup>25</sup> ECKERSLEY, C.E. and ECKERSLEY, J.M. A Comprehensive English Grammar for Foreign Students
- <sup>26</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p.198
- <sup>27</sup> SCHIBSBYE, Knud, A Modern English Grammar
- <sup>28</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 76
- <sup>29</sup> COOK, John Lennox et al. A New Way to Proficiency
- <sup>30</sup> PALMER, H.E. e BLANDFORD, F.G., revisto por KINGDON, Roger, A Grammar of Spoken English
- <sup>31</sup> CHRISTOPHERSEN, P. and SANDVED, A.O., An Advanced English Grammar
- <sup>32</sup> \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 52
- <sup>33</sup> ZANDUDORT, R.W., A HAND BOOK of English Grammar
- <sup>34</sup> SCHEURWEGHS, G., Present-Day English Syntax
- <sup>35</sup> CATFORD, J.C. "The teaching of English as a foreign language", p. 150
- <sup>36</sup> SERPA, Oswaldo, Dicionário Escolar Inglês-Português Português-Inglês, 7ª edição
- <sup>37</sup> VALLANDRO, Leonel e VALLANDRO, Lino Dicionário Inglês-Português, 2ª edição

- 38 VALLANDRO, Leonel e VALLANDRO, Lino, Op. cit., p. 34-5
- 39 HORNBY et al. The Advanced Learner's Dictionary of Current English, 2ª ed.
- 40 FRIES, C.C. The Structure of English
- 41 STRANG, B. Modern English Structure
- 42 SCOTT, F.S. et al. English Grammar A Linguistic Study of its Classes and Structures
- 43 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 102
- 44 STRANG, B. Op. cit., p. 165
- 45 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 168
- 46 ROBERTS, Paul, Modern Grammar
- 47 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 90
- 48 JACOBS, R.A. & ROSENBAUM, P.S., English Transformational Grammar
- 49 ENGLISH LANGUAGE SERVICES A Practical English Grammar
- 50 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 63
- 51 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 64, Nota 1
- 52 QUIRK, R. et al. A Grammar of Contemporary English
- 53 QUIRK, R. e GREENBAUM, S., A University Grammar of English
- 54 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 51
- 55 QUIRK, R. et al. Op. cit., p. 103
- 56 QUIRK, R. e GREENBAUM, S., Op. cit., p. 57
- 57 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 56
- 58 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 57

- 59 TWADDELL, W.F., The English Verb Auxiliaries
- 60 DIVER, W. "The Modal System of the English Verb"
- 61 PALMER, F.R., A Linguistic Study of the English Verb
- 62 DIVER, W. Op. cit., p. 323
- 63 PALMER, F.R. Op. cit., p. 116
- 64 HUDDLESTON, R.D. The Sentence in Written English, p. 306, Nota 1
- 65 BOYD, Julian & THORNE, J.P., "The semantics of modal verbs"
- 66 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 62
- 67 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 70-1
- 68 LEECH, G.N. Towards a Semantic Description of English, p.277  
Nota 8
- 69 ROSS, John R., "Auxiliaries as Main Verbs"
- 70 JOOS, Martin, The English Verb Forms and Meanings
- 71 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 150
- 72 EHRMAN, M. The Meanings of the Modals in Present-Day American English
- 73 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 10
- 74 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 74
- 75 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 12
- 76 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 12
- 77 HUDDLESTON, R.D. The Sentence in Written English: A Syntactic Study Based on an Analysis of Scientific Texts
- 78 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 152
- 79 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 294
- 80 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 298

81 LEECH, G.N., Towards a Semantic Description of English

82 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 34

83 \_\_\_\_\_ Op. cit., p. 205

84 \_\_\_\_\_ Meaning and the English Verb

85 HALLIDAY, M.A.K. "Functional Diversity in Language as seen from a Consideration of Modality and Mood in English".

## 2. MODALIDADE COMO SISTEMA

Será a modalidade um sistema? Se for, quais as suas características e quais os elementos que o compõem?

A primeira pergunta não é absolutamente retórica se levarmos em conta que os modais são incluídos entre os 'anomalous finites' ou são tratados como verbos defectivos na maioria das gramáticas, livros didáticos e dicionários em uso.

Mesmo nos trabalhos teóricos apreciados, onde os auxiliares modais são vistos como um sistema, os critérios para assim defini-los são os mais diversos.

Acreditamos que as melhores razões estejam com Halliday, e nossa concepção de um sistema modal baseia-se na gramática sistêmica.

### 2.1 O sistema de modalidade segundo vários autores

2.1 Para permitir uma avaliação quanto à adequação de nossa escolha, faremos antes uma breve referência aos pontos de vista de alguns autores.

2.1.1 Foi Twaddell, em 1960, quem primeiro dividiu os verbos auxiliares em grupos ('sets'): o dos auxiliares primários (have, be, do) e o dos auxiliares modais. Os critérios são: um morfológico, o da concordância em s com o sujeito e os outros sintáticos, distinguindo-se os modais pela ausência de uma "full 'Past' syntax"<sup>1</sup>, por ocuparem primeira posição quando ocorrem com auxiliares primários e pela impossibilidade da coocorrência com outro modal.

É interessante observar que só usa 'sistema' com referência aos modais. O capítulo que dedica a eles tem como título 'The Modal Auxiliary System' e mais adiante diz "Leaving out of account for the moment the 'Unactual' forms, the eight modals invite semantic analysis into a system of partial similarities and partial

differences."<sup>2</sup>

A razão pela qual os auxiliares primários não formam um sistema é óbvia, mas Twaddell não diz porque motivo considera os modais um sistema. E não nos cabe inferir. Também não é consistente no uso do termo classe; quando propõe a distinção entre os auxiliares, a faz em termos de "set"<sup>3</sup>, já ao descrever os modais fala em classes "Thus the modals fall formally into a major class... and a minor class."<sup>4</sup>

Posteriormente descreve as "Grammatical Characteristics of the Auxiliaries as a Class",<sup>5</sup> título de um capítulo.

2.1.2 O trabalho conciso de Twaddell, cujo valor não pode ser subestimado, foi objeto da crítica de Diver<sup>6</sup> que em dois estudos sucessivos se propõe a apresentar uma nova análise do verbo do inglês moderno.

Para Diver há uma oposição entre um sistema cronológico e e um sistema modal, baseada no critério numérico das distinções cronológicas que cada sistema permite e na diferença de atitude do falante em relação ao acontecimento indicado pelo verbo. O sistema modal teria um número de distinções cronológicas menor, critério, a nosso ver, não muito relevante e ao mesmo tempo bastante discutível. Tanto Palmer<sup>7</sup> como Strang<sup>8</sup> dão o mesmo número de possibilidades para os dois sistemas.

Um dos testes que propõe para a verificação da primeira distinção é

The question of "what is a modal?" can thus be referred, in the first place, to the test of whether the form in question is combinable with the full set of chronological distinctions. A convenient touchstone is combinability with the auxiliary had:<sup>9</sup> \*He had might walk or \*He might had walked...

No entanto, Diver inclui entre os modais o verbo do, o primeiro a figurar na sua escala de probabilidade com o significa

do de "certain".<sup>10</sup>

Para ele o sistema modal é o sistema da hipótese 'System of Hypothesis' em oposição ao cronológico ou indicativo.

An event associated with the Modal System is represented as, in the loosest sense of the term, a possibility. Whereas the Indicative deals with events about the certainty of whose occurrence no question has been raised, the Modal System deals with hypothetical events, about whose occurrence there is some question.

Que a atitude do falante é diversa em cada caso, é ponto pacífico, mas que o denominador comum do sistema modal seja a possibilidade 'in the loosest sense of the term' é uma formulação muito vaga.

Acreditamos que haja um traço semântico comum a todos os modais, que é o da possibilidade, mas uma possibilidade que pode ser perfeitamente caracterizada, porém isto fica para ser examinado depois no seu devido lugar.

2.1.3 Partindo da presunção da correspondência entre forma e significado, Joos<sup>12</sup> estabelece seis categorias para a forma finita do verbo inglês, distinguindo em cada categoria um termo marcado e um não marcado. Para ele as seis categorias são autônomas e "The meaningful form of an English finite verb derives from the use and the non-use of the markers of the six categories."<sup>13</sup>

A asserção, significado gramatical dos verbos finitos, é uma das categorias: seu termo não-mercado é 'factual' e seu termo marcado é 'relativo'. Os modais pertencem à categoria de asserção relativa e formam um sistema solidário e simétrico, apesar de o autor reconhecer um sistema semântico moderno e outro arcaico.

Sobre o significado de asserção relativa diz:

There is no such truth-value with respect to occurrence of the event; what is asserted is instead a



specific relation between that event and the factual world, a set of terms of admission for allowing it real - world status.<sup>14</sup>

Temos aí uma nítida diferença entre esta formulação em termos de relação e a anterior, de Diver, em termos de independência. A formulação de Joos é muito mais convincente e plenamente satisfatória no que respeita ao relacionamento, em termos gerais, dos modais com o acontecimento, sendo o acontecimento entendido como "what would be specified by the whole clause minus the modal - the deed considered as done, the state as factual!"<sup>15</sup>

Não concordando com a simetria semântica do cubo modal de Joos, Madeline Ehrman<sup>16</sup> não encontrou um sistema como resultado de sua pesquisa "I have arrived at a rather loosely structured set of relationships..."<sup>17</sup>

2.1.4 - Em seu artigo de crítica a Joos e, incidentalmente, a outros, Palmer fala em um sistema modal:

There are ... two independent systems, a primary system... and a secondary or modal system ... The two systems are, however, not alike. The modal system simply involves the eight modals which form a system in that they do not co-occur but are mutually substitutable. They cannot be further analysed formally...<sup>18</sup>

Já em seu livro "A Linguistic Study of the English Verb", Palmer, adotando a distinção de Twaddell, analisa o sintagma verbal simples em termos de "primary pattern" e "secondary pattern"<sup>19</sup>, considerando o segundo padrão como extensão do primeiro. O tratamento dado aos modais é em termos de características formais e usos.

2.1.5 Preferindo uma análise sistêmico-estrutural (componencial) Leech<sup>20</sup> chega à conclusão de que a modalidade é um campo semântico com um sistema focal atributivo de restrição ('constraint'), este ligado a outro sistema focal, o da atualidade ('actuality')

através de regras de redundância contextual. Faz, contudo, uma ressalva quanto ao conceito de campo semântico, "The cardinal principle that has emerged is "semantic fields have no fences"."<sup>21</sup>

## 2.2 O sistema da modalidade segundo Halliday

Para examinarmos a concepção de sistema modal de Halliday, e devido ao fato de basearmos nossa concepção também na gramática sistêmica, teremos de abordar antes alguns pontos que precisam ser firmados.

Halliday reconhece uma gramática profunda, composta por um conjunto de sistemas inter-relacionados em 'networks', e uma gramática de superfície, composta de um conjunto de estruturas.

O que vem a ser um sistema na gramática profunda e como se relaciona com a estrutura da gramática de superfície?

A system is a set of features, one, and only one, of which must be selected if the entry condition to that system is satisfied; any selection of features formed from a given system network constitutes the 'systemic description' of a class of items. Such a selection is then realized as a structure, the structural representation being fully derived from the systemic.<sup>22</sup>

Se bem que Bolinger diga "this is still within the intellectual frame work of formal linguistics as we now conceive it",<sup>23</sup> além de não constituir crítica negativa em face das muitas contriuições permanentes da linguística formal no terreno da teoria da linguagem e da descrição linguística, poderíamos dizer que há, pelo menos, uma grande diferença no que se refere ao papel da competência versus desempenho. Argumentaremos com o próprio Halliday:

Linguistics ... is concerned ... with the description of speech acts, or texts, since only through the study of language in use are all the functions of language, and therefore all componentes of meaning, brought into focus. Here we shall not need to draw a distinction between an idealized knowledge of a language and its actualized use: between 'the code' and 'the use of the code', or between 'competence' and 'performance'. Such a dichotomy runs the risk of being either

unnecessary or misleading.<sup>24</sup>

Esta concepção do estudo da língua 'em uso' leva-nos a um aspecto importante da teoria de Halliday, que é a ligação que faz entre os três 'system networks' do inglês, a saber, o da transitividade, o do modo e o do tema, com as três funções básicas da linguagem, a que chama de "ideational", "interpersonal" e "textual."<sup>25</sup> As funções são também inerentes à gramática profunda.

It seems possible to recognize a simple but very basic functional organization in language, one which is inherent in the grammatical system and determines the form taken by grammatical structure.<sup>26</sup>

Os três sistemas, bem como as três funções da linguagem, se realizam simultaneamente na oração. Um ato da fala, portanto, representa a seleção que o falante faz entre as opções que os três sistemas lhe oferecem para que ele possa se comunicar com outros, expressar os fatos da sua experiência e organizar sua mensagem de maneira adequada à situação.

Como seria, então a descrição sistêmica?

If one talks of simplicity, this means the simplicity of the whole description; underlying grammar is 'semantically significant' grammar, whether the semantics is regarded, with Lamb, as 'input' or, with Chomsky, as interpretation. What is being considered therefore is that that part of the grammar which is as it were 'closest to' the semantics may be represented in terms of systemic features. This would provide a paradigmatic environment for the 'relatedness of linguistic items, a contrast being seen as operating in the environment of other contrasts. Structure would then appear as the realization of complexes of systemic features, involving in places both neutralization and diversification".<sup>27</sup>

Dois aspectos da análise sistêmica devem ser salientados, pois são da maior importância. Primeiro, a análise sistêmica abre um campo de investigação liberto de esquemas, permitindo ver

todas as relações possíveis nos dois eixos, paradigmático e sintagmático, sem compromisso com a ordenação linear dos elementos da oração. Segundo, torna possível o relacionamento direto entre o sistema e a estrutura.

2.2.1 Podemos dizer, sem medo de errar, que a abordagem do sistema da modalidade feita por Halliday coloca a problemática dos modais numa nova perspectiva, em que a grande complexidade que envolve o comportamento dos modais pode ser resolvida de maneira clara e sem artifícios de imaginação. Fundamenta-se nas funções da linguagem, o que quer dizer que é uma descrição sistêmica. Halliday, porém, não esgota o assunto, e a simples sistematização do sistema modal à luz das perspectivas abertas por seu trabalho já seria um esforço compensador e útil. Mas, permito-me discorrer de sua análise em alguns pontos que considero importantes. Contudo, antes de enumerá-los, vejamos em síntese as conclusões a que chegou Halliday.

Começamos pela conclusão final: para Halliday os modais têm origem em dois sistemas diferentes, o da modalidade ('modality') e o da modulação ('modulation'), mas que se juntam num mesmo sistema, constituindo um fenômeno a que chama de "same but different".<sup>28</sup>

Vejamos, então, o que são modalidade e modulação, como sistemas distintos:

Modality is a system derived from the interpersonal function of language, expressing the speaker's assessment of probabilities.

The system which we have called 'modulation' is very different: it is ideational in function, and expresses factual conditions on the process expressed in the clause.<sup>29</sup>

As principais diferenças que aponta são:

a) em relação à 'tense':

na modalidade as variações de tempo são indicadas pelo

processo; enquanto que na modulação o processo é invariável e as variações temporais são indicadas pelas modais no presente simples e em alguns casos no passado, sendo os outros tempos realizados por formas perifrásticas;

b) em relação ao escopo da negativa:

a modalidade está fora do seu escopo, enquanto a modulação tem dois sistemas: um em que a negativa está associada à modulação, outro em que está associada ao processo;

c) em relação à voz:

a modalidade não está sujeita às variações de voz - a voz está associada à tese; na modulação há um tipo inerentemente ativo e um inerentemente passivo;

d) em relação à realização de modalidade por outras formas que não os auxiliares modais:

a modalidade pode ser expressa por várias formas não verbais - possibly, it is possible that, etc., como também as duas formas (auxiliar modal e formas não verbais podem ocorrer juntas; a modulação pode ser realizada por estruturas verbais, 'be + adjetivo + to' para o tipo ativo e 'be + particípio passivo + to' para o tipo passivo, mas estas formas não podem ocorrer ao mesmo tempo;

e) em relação à realização prosódica:

a modalidade pode ser realizada pela entonação em qualquer ponto da oração; já o mesmo não acontece na modulação;

f) em relação à função dos participantes:

na modalidade, o falante desempenha a função de declarante; na modulação ativa o sujeito é agente tanto do processo como da modalidade enquanto que na modulação passiva o sujeito é agente do processo e objeto ('goal') da modalidade;

g) as categorias principais, com os modais respectivos:

Na modalidade há uma série de 3 oposições, que se realizam no eixo horizontal, resultando em quatro categorias, cada qual permanecendo neutra ou modificada por 'undertone' ou 'overtone' no eixo vertical.

Daremos as oposições juntamente com os modais nas três realizações verticais na ordem 'neutral', 'undertone' e 'overtone', respectivamente, com as indicações de entonação atribuídas pelo autor.

A primeira oposição se faz entre o valor intermediário 'probable' (WILL/WOULD/WOULD: tone 1) e os valores polares 'possible' (MAY/MIGHT, COULD/MAY, MIGHT, COULD: tone 4) e 'certain' (MUST, WILL/MUST/MUST: tone 1).

A segunda oposição é entre 'possible', considerado valor inferior e 'certain', valor superior.

A terceira oposição é realizada entre certeza absoluta (modais de 'certain') e certeza relativa (sem neutro/SHOULD, OUGHT TO/ /SHOULD, OUGHT TO: tone 4).

Na modulação há uma oposição entre modulação ativa e passiva, ambas apresentando uma realização neutra ou oblíqua, esta dando o sentido hipotético ou tentativo.

Adotaremos o procedimento anterior para a indicação das categorias e modais.

A modulação ativa tem as categorias 'inclination' (WILL/ /WOULD/) e 'ability' (CAN/COULD).

A modulação passiva tem as categorias 'permission' (CAN, MAY/COUD, MIGHT) e 'necessity', esta se diversifica em 'obligation' (sem neutro/SHOULD, OUGHT TO) e 'compulsion' (MUST/sem oblíqua).

É interessante observar que Halliday distingue dois tipos de permissão, obrigação e compulsão.

Na permissão os tipos são 'allowed', cujos modais já foram referidos acima e 'entitled' (CAN/COULD); na obrigação temos os tipos 'obliged, supposed' (modais também já indicados) e 'desired, expected' (SHALL/SHOULD); na compulsão os tipos são 'required' (modais já referidos) e 'designated, intended' (IS TO/WAS TO).

A designação por 'tipos' é nossa, poderíamos chamá-los de subcategorias, talvez. Halliday não se detém na análise semântica, limita-se a apresentar as categorias em quadros e o que fizemos foi uma interpretação dos mesmos.

Vistas as diferenças, vejamos porque modalidade e modulação podem ser unificadas num só sistema:

It appears ... that the similarity between the two systems has two aspects to it. On the one hand, there is a semantic region where the two functions, the ideational and the interpersonal, overlap, that of speaker's commentary on the content ... On the other hand, the two systems are, up to a certain point (in delicacy), formally identical, so that we could in fact set up a single syntactic system, ... which then operates in different functional environments.<sup>30</sup>

O objetivo de Halliday é, através de uma abordagem funcional (da linguagem), mostrar como as três funções se inter-relacionam e se realizam simultaneamente em cada ato da fala. Consequentemente dá maior ênfase a este aspecto, deixando várias coisas implícitas e outras omissas no que diz respeito aos modais.

2.2.2 Agora vejamos os pontos de nossa discordância. Em primeiro lugar, acreditamos que uma análise funcional (este termo passará a significar 'funcional da linguagem'), isto é, da linguagem em termos de seu uso, deva ter como ponto de partida as re

lações entre participantes e processo, principalmente no caso dos modais, onde as relações seriam participantes/modal/processo.

Este é também o ponto de vista de Greimas:

As categorias modais só se referem aos predicados, e aí seu papel permanece limitado à formulação e ao controle dos julgamentos: a coisa será diferente se as concebermos como constitutivas dos modelos, ao mesmo tempo, predicativos atuacionais, segundo os quais se organizam, inevitavelmente, os micro-universos semânticos.<sup>31</sup>

São os diferentes tipos de relações que se estabelecem em virtude do uso de tal ou qual modal que determinam tudo o mais, isto é, a forma da relação temporal, a forma da negativa e seu escopo, a forma da interrogativa, a possibilidade de apassivação, a possibilidade da dupla modalidade e as restrições de seleção.

Se assim for, e acredito que seja, a caracterização do papel dos participantes tem que ser muito precisa, e nesse ponto está nossa segunda discordância com Halliday, especificamente no que diz respeito aos participantes na modulação. Não vemos o 'sujeito' como agente da modulação do tipo ativo, nem como 'goal' da modulação passiva. Como isto é o objeto de nossa proposição maior, será tratado em profundidade no capítulo da análise dos modais.

A terceira discordância maior é quanto à classificação semântica das categorias tanto num sistema como no outro. Na 'modalidade', reconhecemos apenas uma oposição entre probabilidade e possibilidade, por serem julgamentos de motivação diversa. Na 'modulação', não vemos um tipo ativo, já que os modais são de natureza estativa.

Finalmente, quanto à realização das relações temporais na 'modulação', a generalização de que a não ser para referência de presente e passado, não parece corresponder à evidência, pelo menos em relação à referência de futuro.



É propriedade dos modais terem referência de futuro, propriedade esta reconhecida por Palmer, entre outros "it is a characteristic of all the modals that they may refer to the future and may be collocated with future time adverbials".<sup>32</sup>

### 2.3 Definição do sistema

A fim de se poder definir o sistema da modalidade, é necessário primeiro que se verifique qual a atuação do falante nos diversos tipos de enunciado. Comparemos os enunciados:

- (1) they're coming back from Europe tomorrow
- (2) I'm going to tell you something very interesting...
- (3) you do look beautiful in red
- (4) he said he didn't want to go to the club
- (5) you will regret it one day
- (6) he can help you
- (7) you should drink less

Como podemos ver, o falante assume atuações diferentes em alguns casos. Ele é um

- (1) informante
- (2) narrador
- (3) declarante
- (4) repórter

Nestes quatro casos o falante não participa do acontecimento contido na mensagem. Ele poderá ser participante se a informação for a seu respeito, se for personagem na narrativa ou se se reportar sobre si mesmo, donde ele terá mais de uma atuação, quer como agente, paciente, etc.

Nos outros casos, (5), (6) e (7), o falante tem necessária

mente duas atuações: o de informante, narrador ou declarante e mais o de participante do acontecimento contido na mensagem, como 'doador de opinião'. Tanto é assim, que o interlocutor poderia retorquir a (5) com 'I don't want to know what you think about it', a (6) com 'that's what YOU think', e a (7) com 'that's none of your business'.

A opinião é sempre de atribuição de valor.

Consideremos agora estes enunciados:

(8) fortunately, no one was killed in the accident

(9) personally, I have nothing against your plan

(10) wisely, they are saving money to buy a house

Temos, também, a opinião do falante com atribuição de valor. A diferença é que o valor se refere ou a um acontecimento como em (8) e (10), em que o falante manifesta sua alegria, aprovação, etc. em relação ao ocorrido, ou se posiciona em relação a um fato, etc.

2.3.1 Podemos ver, então, que não basta situar a modalidade na categoria de 'comentário do falante'. Esta categoria abrange um largo número de tipos de comentário, dos quais os três últimos exemplos são apenas uma amostra.

A condição necessária de participante 'doador de opinião' é comum a todos os tipos de 'comentário do falante'.

A diferença entre o comentário de modalidade e os outros tipos de comentário está em que na modalidade o falante atribui valor de convicção de veracidade ao seu enunciado. Donde setenças modais serem comumente antecedidas de 'I believe/think/suppose, etc'.

2.3.2 Parece-nos que, finalmente, chegamos a uma definição de modalidade:

A modalidade é um sistema que permite ao falante manifestar o seu grau de convicção quanto à veracidade do conteúdo atual ou hipotético de seu enunciado.

Algumas das análises referidas anteriormente apresentaram definições corretas, embora parciais.

A modalidade é um sistema relativo porque está em oposição a um sistema factual, como diz Joos; é também um sistema atributivo, porque seus valores são dependentes e contrastivos, ao mesmo tempo que admite a oposição atualidade/hipótese, como diz Leech; como também é o sistema pelo qual o falante participa do ato da fala na qualidade de 'declarante' para expressar seu julgamento quanto ao conteúdo da mensagem, como diz Halliday.

Poderíamos reformular nossa definição em termos de relatividade, atribuição, etc., mas não o fazemos porque perderia em clareza. Estes valores nos parecem bastante explícitos nela.

2.3.3 A questão - quais auxiliares são modais? - como vimos, é bastante controvertida. Na base da controvérsia estão os critérios da sintaxe formal da maior parte dos autores discutidos. Mesmo Leech, que inclui have to entre os modais "HAVE TO, whether or not it is grammatically classed as an auxiliary verb, must be treated as equivalent to the other items in the list for semantic purposes",<sup>33</sup> já não se mostra tão seguro quanto a ought to, should e (had) better "OUGHT TO, SOULD, and (HAD) BETTER qualify at least marginally as auxiliary verbs"<sup>34</sup>. É lamentável que Leech não diga porque chegou a esta conclusão.

Nenhum dos critérios formais apresentados, se postos à prova, mesmo se reduzidos a um, como foi visto quando citamos Palmer

a/propósito da definição de sistema modal, abrange todos os verbos semanticamente modais. Diz Palmer que o único critério é o da não co-ocorrência e acrescenta "They | will, shall, can, must, ought, dare, need | cannot be further analysed formally"<sup>35</sup>.

Se considerássemos, conforme Ross, que os auxiliares são todos verbos principais na estrutura profunda e que os modais te riam nela o traço ('feature') | +Modal |

... which indicates that these elements which have been analyzed as modal auxiliaries in the past, should really be analyzed as being true verbs, differing from 'real' verbs like ... 'try' only in having the feature | +Modal |, where the latter has the feature | -Modal | <sup>36</sup>

então o problema ficaria resolvido, mesmo porque na análise de Ross os modais têm duas estruturas profundas diferentes, correspondendo uma ao verbo transitivo ('may' permissão) e a outra ao verbo intransitivo (may 'possibilidade'). Para se poder determinar qual may é transitivo ou intransitivo, só partindo do significado.

A semelhança entre essa análise e a de Halliday é muito grande: may 'permissão', transitivo seria 'modulação' e may 'possibilidade' intransitivo seria 'modalidade'.

A diferença está em que na análise sistêmica, os traços semânticos de cada sistema se realizam na estrutura da oração sem estágios de derivação.

## 2.4 A Classe dos Auxiliares Modais

2.4.1 Assim, pelo nosso critério, são os traços que caracterizam o sistema da modalidade, os quais estão contidos na definição.

Não tentaremos descobrir o que já foi descoberto.

Discutiremos os casos controversos.

Começaremos pela eliminação de used to como modal: não satisfaz a condição necessária de 'opinião do falante para manifestar seu grau de convicção quanto à veracidade do conteúdo de seu enunciado'.

Outros argumentos poderiam ser aduzidos, que nos parecem óbvios. Mas que sorte destinar a used to, admitindo ser necessária uma classificação. Achamos que pelos mesmos critérios instituídos pela "A Grammar of Contemporary English"<sup>37</sup> para criar uma classe de verbos semi-auxiliares, dividida em duas subclasses, podemos encontrar um lugar para used to na 'sub-classe i'.

2.4.2 Segundo esses critérios, temos uma classe de semi-auxiliares eclética quanto à negativa e interrogativa e pro-forma com so.

Participam dela verbos como: be to, have to, tend to e be certain to, happen to e seem to, pertencendo o primeiro grupo à 'sub-classe i' e o segundo à 'sub-classe ii'. Distinguem-se dos verbos lexicais por só admitirem a passiva no infinitivo, no que se assemelham aos auxiliares.

O critério para a divisão em duas classes é a possibilidade ou não de admitirem transformação em sentença bipartida ('cleft-sentence'). Os verbos da 'sub-classe i' não a admitem, enquanto os da 'sub-classe ii' a admitem.

Façamos agora os testes com used to:

a) quanto à negativa, etc., admite as duas formas:

- (11) i She usedn't to go out alone  
 ii Used she to go out alone?  
 iii She used to go out alone and so used I
- (12) i She didn't use to go out alone  
 ii Did she use to go out alone?  
 iii She used to go outo alone and so did I

b) quanto à passiva:

- (13) i The used to do it { in a different way }  
 ii It used to be done { }

c) quanto à sentença bipartida:

- (14) i They used to come { here on Sundays }  
 ii \*It used that they came { }

Podemos, então, identificar used to como semi-auxiliar da sub-classe i.

2.4.3 Quanto aos demais, ou seja, need, dare, be to, have to, had better, would/had rather, satisfazem a condição necessária para a entrada no sistema da modalidade e, portanto, serão por nós incluídos na classe de verbos auxiliares modais.

A lista completa de auxiliares modais que propomos é a seguinte: WILL, WOULD, SHALL, SHOULD, CAN, COULD, MAY, MIGHT, MUST, OUGHT, NEED, DARE, HAVE (GOT) TO, BE TO, HAD BETTER, WOULD/HAD RATHER.

BE TO e HAVE TO aparecem como o complemento to para diferenciá-los dos outros verbos be e have.

TO não pertence ao modal em nenhum caso e por conseguinte não há razão de aparecer com OUGHT, nem com NEED e DARE aos quais consideramos modais também na forma afirmativa.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- <sup>1</sup> TWADDELL, W.F. op. cit., p. 2
- <sup>2</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 13
- <sup>3</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 2
- <sup>4</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 13
- <sup>5</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 16
- <sup>6</sup> DIVER, W. "The Modal System of the English Verb"
- <sup>7</sup> PALMER, F.R. A Linguistic Study of the English Verb, p.56 e 105
- <sup>8</sup> STRANG, B.M.H. Modern English Structure, p.163-6
- <sup>9</sup> DIVER, W. op. cit., p.322, nota 2
- <sup>10</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 330
- <sup>11</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 322
- <sup>12</sup> JOOS, M. The English Verb. Form and Meanings
- <sup>13</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 101
- <sup>14</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 149
- <sup>15</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 152
- <sup>16</sup> EHRMAN, M. The Meanings of the Modals in Present-day American English
- <sup>17</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 9

- <sup>18</sup> PALMER, F.R. "The semantics of the English verb"
- <sup>19</sup> \_\_\_\_\_ A Linguistic Study of the English Verb. p.55-104  
e 105 - 39
- <sup>20</sup> LEECH, G.N. Towards a Semantic Description of English, p.202-  
-42
- <sup>21</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p.240
- <sup>22</sup> HALLIDAY, M.A.K. "Notes on transitivity and theme in English"  
Part I, p.37
- <sup>23</sup> BOLINGER, Dwight, Aspects of Language - p.209
- <sup>24</sup> HALLIDAY, M.A.K. "Language Structure and Language Function" -  
p. 145
- <sup>25</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p.143
- <sup>26</sup> \_\_\_\_\_ "Functional Diversity in Language..." - p. 324
- <sup>27</sup> \_\_\_\_\_ "Some notes on 'deep' grammar" - p. 62-3
- <sup>28</sup> \_\_\_\_\_ "Functional Diversity in Language..." - p. 347
- <sup>29</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 342 e 343
- <sup>30</sup> \_\_\_\_\_ op. cit., p. 349 e 350
- <sup>31</sup> GREIMAS, A.J. Semantica Estrutural, p. 176
- <sup>32</sup> PALMER, F.R. A Linguistic Study of the English Verb, p.107



- <sup>33</sup> LEECH, G.N. Towards a Semantic Description of English, p.202
- <sup>34</sup> \_\_\_\_\_ Meaning and the English Verb, p. 94
- <sup>35</sup> PALMER, F.R. "The Semantics of the English Verb", p.180
- <sup>36</sup> ROSS, J.R. "Auxiliaries as Main Verbs", p. 86
- <sup>37</sup> QUIRK, R. et alii, A Grammar of Contemporary English, p.66-8.

### 3. ANÁLISE DAS CATEGORIAS SEMÂNTICAS

Proposição:

As categorias semânticas podem ser melhor determinadas pela análise das relações dos atuantes com os modais e o processo.

A análise se desenvolverá em três etapas: determinação dos atuantes nos três tipos de oração do inglês; análise de protótipos de sentenças modais; determinação e análise das categorias semânticas modais.

#### 3.1 Os atuantes nos três tipos de orações do inglês - Preliminares.

##### 3.1.1 Os elementos da estrutura sintática da oração são:

S : sujeito

P : predicado

C : complemento  $\left\{ \begin{array}{l} C_s : \text{complemento do sujeito} \\ C_o : \text{complemento do objeto} \end{array} \right.$

O : objeto  $\left\{ \begin{array}{l} O_d : \text{objeto direto} \\ O_i : \text{objeto indireto} \end{array} \right.$

A : adjunto adverbial.

Esses elementos não têm significado semântico, só o adquirem quando lexicalizados.

##### 3.1.2 O tipo do processo (verbo) determina a categoria semântica dos atuantes em S.

O processo se divide em dois tipos: o dinâmico e o estativo. Pertencem ao tipo dinâmico todos os verbos a que daremos o nome genérico de 'verbos de ação' e ao tipo estativo os perceptivos, os cognitivos, os de reação emotiva e os relacionais.

3.1.3 A natureza do processo irá caracterizar os três tipos básicos de oração no inglês.

Adotamos a classificação de Halliday<sup>1</sup>, que é a seguinte:

- (i) orações de ação (action clauses), onde o processo é de natureza dinâmica;
- (ii) orações de processo mental (mental process clauses), onde o processo é de natureza estativa abrangendo os verbos perceptivos, os cognitivos e os de reação emotiva;
- (iii) orações de relação (relational clauses), onde o processo é de natureza estativa abrangendo os verbos relacionais.

3.1.4 Veremos agora quais são as categorias de atuantes nos três tipos de oração:

(i) Orações de ação

Nas orações de ação é necessário observar que há um tipo de oração que não admite a apassivação, há um tipo apassivável - em que tanto a oração como o verbo assumem as características da passiva, com ou sem agente exposto - e um outro tipo em que a oração é inerentemente passiva, mas na qual o verbo aparece na forma ativa. Assim, temos seis tipos de orações de ação, que são apresentadas em quadro com as correspondentes categorias atuacionais.

Categorias Atuacionais		Tipos de Oração de Ação	Voz da oração
Agente	Paciente		
Tom	x	(i) Tom has arrived	Ativa
Susan	the mouse	(ii) Susan killed the mouse	Ativa
Our father	(não expresso)	(iii) Our father drove	Ativa
x	the car	(iv) The car broke down	Passiva
the new manager	Tom	(v) Tom was promoted by the new manager	Passiva
(não expresso)	Tom	(vi) Tom was dismissed	Passiva

(ii) Orações de processo mental

Distinguiremos três tipos principais, conforme a na tureza do verbo:

- a. Reação - com verbos como annoy, care, distress, laugh, like, please, etc.
- b. Percepção - com verbos como hear, notice, recognize, see, etc.
- c. Cognição - believe, convince feel (that), realize, think (that), understand, etc.

O que caracteriza este tipo de oração é a presen - ça de pelo menos um atuante obrigatório, animado, explícito ou im plicito que 'processa' (gosta, ouve, acredita) e de um participan - te geralmente presente, 'coisa processada', sob a forma de objeto pessoa, acontecimento, etc. Ao primeiro chamaremos de 'processa - dor' e ao segundo de 'fenômeno'.

Abaixo, transcreve-se o quadro relativo aos tipos de oração de processo mental.

Categorias Atuacionais		Tipos de Oração de Processo Mental	Voz da oração
Processador	Fenômeno		
He	Não expresso	(i) a. He doesn't care	Ativa
I	Não expresso	b. I've heard	Ativa
I	Não expresso	c. I understand	Ativa
He	his job	(ii) a. He hates his job	Ativa
I	her	b. I recognized her immediately ....	Ativa
me	you	c. You have convinced me	Ativa
She	what happened	(iii) a. She was distressed by what happened	Passiva
All of us	The blast	b. The blast was heard by all of us	Passiva
I	his arguments	c. I was convinced by his arguments	Passiva
She	Não expresso	(iv) a. She was distressed	Passiva
Não expresso	a blast	b. A blast was heard	Passiva
Não expresso	I	c. I was misunderstood	Passiva

Cabem aqui algumas considerações:

a) Diferentemente de Halliday<sup>2</sup>, não incluímos nas orações de processo mental um quarto tipo, a que chama de 'verbalization' (announce, say, etc) porque não vemos nele a propriedade necessária que o qualificaria para a sua inclusão, isto é, ser uma asserção direta.

Os verbalizadores introduzem um relato através de mais

um participante, o 'reporter', o que dá ao discurso indireto uma estrutura e funções diversas das de qualquer outro tipo de oração.

b) Podemos constatar pelo quadro que tanto o processador como o fenômeno são participantes obrigatórios, se bem que nem sempre expressos. Mesmo em casos como (i)a e (i)b, o processo é motivado por um fenômeno que pode ser de origem interior (estado de apatia, etc.), ou por um fenômeno concreto não expresso.

c) Fica mais evidente, nesse tipo de oração, que as funções comumente atribuídas ao sujeito e ao objeto, isto é agente e paciente respectivamente, são insuficientes.

### (iii) Orações de relação

Há dois tipos distintos de orações de relação:

a) do tipo atributivo, em que o sujeito é "atribuído" obrigatoriamente pelo complemento, que pode ser adjetivo ou substantivo.

Caracteriza-se por ser não-reversível. O processo abraça verbos como be, become, get, seem, etc.

Designaremos o papel do sujeito de atribuído e o do complemento de atributo.

b) do tipo equacional, em que o sujeito é identificado pelo complemento que é sempre substantivo.

Caracteriza-se por ser reversível. O processo é representado por verbos como be, equal, represent, etc.

Designaremos o papel do sujeito de identificado e o do complemento de identificador, conforme apresentado nos quadros a seguir.

Categorias Atuacionais

<u>Atributado</u>	<u>Atributo</u>	<u>Oração de Relação Atributiva</u>
Dick	famous	(i) Dick has become famous overnight
Joan	a ballet dancer	(ii) Joan is a ballet dancer.

--O-O-O-O-O-O-O-O-O-O-O--

Categorias Atuacionais

<u>Identificado</u>	<u>Identificador</u>	<u>Oração de Relação Equacional</u>
Mr. Faber	The new director	(i) Mr.Faber is the new director
The new director	Mr. Faber	(ii) Mr. Faber is the new director
The new director	Mr. Faber	(iii) The new director is Mr.Faber.

Neste tipo de oração um termo identifica o outro. A diferença entre (i) e (ii) pode ser explicada por uma situação em que (i) seria uma resposta a

'Which is Mr. Faber?'

e em que (ii) seria uma resposta a

'Who is the new director?'

### 3.2 Protótipos de Setenças Modais

Examinaremos alguns casos para ver se as categorias atuacionais, vistas em termos de transitividade, permanecem estáveis nas sentenças modais.

Consideraremos, também, o tipo de relação que se estabelece entre o modal e o processo em cada caso.

### 3.2.1 Os protótipos

- (1) you must have met my brother
- (2) you may bring about the bankruptcy of the firm
- (3) you must bring the books back tomorrow
- (4) you <sup>may</sup>  
can do it later
- (5) he will try again
- (6) you can do it better than this

Vimos anteriormente que o falante acumula duas atuações em enunciados de opinião; ele é sempre 'doador de opinião' e informante, declarante ou narrador. Também foi constatado que no enunciado modal ele pode assumir mais uma atuação.

Consideremos agora cada caso isoladamente, em função dos atuantes.

- (1) you must have met my brother

a) o falante é doador de opinião e declarante; como doador de opinião é ao mesmo tempo processador e toda a mensagem menos 'must' é o fenômeno 'you have met my brother'.

b) toda oração deste tipo é de processo mental em que há dois termos: o falante, revelando através do modal a maneira como avalia o fenômeno.

c) o processo mental é do tipo cognição.

- (2) you may bring about the bankruptcy of the firm



a) o falante tem as três categorias de (1) e o fenômeno é também toda a mensagem exceto o modal 'you bring about the bankruptcy of the firm'.

b) toda oração deste tipo é igualmente de processo mental, com as características da anterior.

c) o processo mental pode ser do tipo cognição ou percepção.

(3) you must bring the book tomorrow

a) o falante é doador de opinião e informante; como doador de opinião pode ser ao mesmo tempo o agente da coação, sendo esta sua atuação predominante.

b) o interlocutor é o paciente da coação (must) e ao mesmo tempo o agente potencial do processo.

c) a oração é do tipo de ação potencial.

(4) you may/can do it later

O falante, o interlocutor e a oração têm as mesmas características de (3).

(5) he will try again

a) o falante é doador de opinião e informante ou declarante.

b) he é atribuído pelo modal e ao mesmo tempo agente potencial do processo.

c) a oração é do tipo de relação atributiva.

(6) you can do it better than this

a) o falante é doador de opinião e declarante.

b) o interlocutor tem as mesmas características de he em (5).

c) a oração tem as mesmas características de (5).

3.2.2 Podemos tirar as seguintes conclusões:

a) o processo pode ser de qualquer natureza nas orações modais de processo mental e de relação atributiva;

b) a oração modal só comporta o tipo de ação potencial;

c) o tipo de oração modal é determinado pelas relações que se estabelecem entre os atuantes com os modais e o processo;

d) os atuantes em S têm atuações caracteristicamente diversas em cada tipo de oração.

3.2.3 Categorias atuacionais de S

a) nas orações de processo mental

S : parte do fenômeno

b) nas orações de ação potencial

S : paciente da modalidade e agente potencial do processo

c) nas orações de relação atributiva

S : atribuído pela modalidade e agente potencial do processo.

3.2.4 Relações entre o modal e o processo

a) nas orações de processo mental:

neste tipo de oração o modal não tem relação direta com o processo, mas se relaciona com o falante indicando sua atitude quanto à mensagem.

Poder-se-ia dizer que desempenha a função de um disjuncto de atitude, isto é, um advérbio periférico à estrutura da oração. Isto se evidencia nas sentenças modais sem verbos modais, como em

(7) Perhaps they are right

b) nas orações de ação potencial:

nelas há uma relação de subordinação do processo ao modal, que se equipara à função da conjunção because.

c) nas orações de relação atributiva:

aqui há uma relação de conexão, em que a realização do processo é resultante do modal.

Esta relação corresponde ao conectivo therefore.

Aplicando esse critério a

(8) He will ruin his health if he goes on like that

(9) You may come with me

(10) She can play the piano well.

Podemos interpretá-las da seguinte maneira:

(8i) Obviously, he will ruin his health if ...

(9i) I'll go with you because you allowed me to

(10i) She has the ability to play the piano well, therefore she plays the piano well.

### 3.3 Determinação das categorias semânticas

3.3.1 O critério das relações entre atuantes, modal e processo, principalmente, e o das relações entre modal e processo, secundariamente, possibilitam distinguir três campos, cujas designações indicarão o significado nuclear de cada um.

Por significado nuclear, entendemos aquele significado mais abrangente e que corresponde a conceitos gerais, conceitos esses possivelmente universais.

Dentro de cada campo de significado nuclear, teremos as categorias semânticas.

A categoria semântica representa o significado potencial.

O significado potencial tem um alcance menor do que o significado nuclear, mantendo, porém, com este uma afinidade semântica total.

Finalmente, cada significado potencial gera sentidos circunstanciais, que são os sentidos adquiridos na manipulação do uso. São unidades semânticas de amplitude restrita, de natureza instável, com origem na criatividade tanto por parte do falante como por parte do interlocutor, este o intérprete da mensagem.

São os sentidos circunstanciais que caracterizam o ato da fala, dando a

(11) will you do it now?

a força de um pedido.

Se aplicarmos a (11) uma escala de derivação em ordem regressiva, teremos:

(iii) sentido circunstancial (SC) : pedido

(ii) significado potencial (SP) : volição

(i) significado nuclear (SN) : potencialidade.

3.3.2 Podemos, agora, construir um quadro dos significados nucleares e dos significados potenciais, e analisá-lo.

SP/SN	Avaliação (A)	Coerção (B)	Potencialidade (C)
1	(A <sub>1</sub> ) Probabilidade	(B <sub>1</sub> ) Permissão	(C <sub>1</sub> ) Volição
2	(A <sub>2</sub> ) Possibilidade	(B <sub>2</sub> ) Obrigação	(C <sub>2</sub> ) Capacidade

#### I - SN (A) AVALIAÇÃO

Ao significado nuclear de avaliação está ligada a modalidade stricto sensu, através da qual o falante manifesta seu julgamento quanto ao valor de veracidade da mensagem.

O falante, que se acha sempre em um ponto presente, tem uma perspectiva que pode abranger a mensagem desde o próprio ponto presente em que se encontra como também pode se projetar para qualquer dimensão temporal anterior ou posterior

##### a) SP (A<sub>1</sub>) Probabilidade

O falante utiliza os modais da probabilidade para expressar sua convicção quanto à veracidade de sua mensagem, em termos de dedução.

A probabilidade oferece uma escala de extremos mensuráveis, isto é, de zero ou total ausência de probabilidade até cem ou absoluta certeza.

##### b) SP (A<sub>2</sub>) Possibilidade

Os modais da possibilidade dão ao falante os meios para a apreciação dos fatos em termos de realidade. A possibilidade pode ser prática (factual) ou teórica. Admite também uma gradação, conforme o maior ou menor conhecimento da realidade por parte do falante. Essa gradação é, porém, menos extensa do que a da probabilidade.

### c) Relações entre Probabilidade e Possibilidade

A afirmação da probabilidade de um acontecimento implica na possibilidade de sua realização. Assim, no enunciado

(12) they will get the job = 'It is probable that they  
will get the job'

está implícita a possibilidade, isto é, achamos provável por considerarmos possível.

Por outro lado, a negação da probabilidade não exclui a possibilidade da realização do acontecimento. Se dizemos

(13) they won't get the job = 'It is improbable that  
they will get the job'

nossa avaliação pode não ser correta e pode ser surpreendida pela realização do acontecimento; daí ser comum dizermos em inglês

'it is improbable but not impossible'

ou em português:

'é improvável mas não impossível'.

O fato do improvável não ser impossível mostra a relação de probabilidade com a possibilidade factual, refletida sintaticamente na construção de 'it is probable/improbable' com 'that' e não com 'for'.

## II - SN (B) COERÇÃO

Na coerção, o agente do processo é o próprio processo ficam em situação de dependência.

A dependência pode ser de origem subjetiva,

(14) I must tell him the truth

pode provir da imposição de autoridade de outrem

(15) you must resign / You have to report the fact to  
the authorities

(16) you may come on Tuesday

ou ainda pode ser causada por circunstâncias as mais diversas.

a) SP (B<sub>1</sub>) Permissão

Entendemos por permissão só a consentida por agente pes-  
soa, como em

(17) tell them that they may also come to the party.

b) SP (B<sub>2</sub>) Obrigação

A obrigação pode ser motivada por causas de diversas ori-  
gens:

- pode ser decorrente da imposição da autoridade ou da von-  
tade de outrem, como em

(18) you must support me

- pode ser uma imposição das circunstâncias, como em

(19) she  $\left[ \begin{array}{l} \text{has to} \\ \text{must} \end{array} \right]$  work to help her parents

- pode ser resultante de decisão interior, como em

(20) I must stop thinking about him.

c) Relações entre Permissão e Obrigação

As duas categorias têm em comum um elemento de causa coercitiva, que tanto pode provir da autoridade de pessoa ou de circunstâncias factuais.

As diferenças dizem respeito a dois fatores. O primeiro é a menor força de coerção em permissão. Pelo menos teoricamente, a permissão permite ao objeto da permissão, isto é, à pessoa a quem é dada a permissão, a alternativa de não usufruir dela, como, por exemplo, numa situação da mãe falando a um filho:

(21) you're done quite a lot of work today, you may go to the cinema tonight

em que o filho poderia responder:

'I don't want to, I'd rather watch television'.

A obrigação, porém, pressupõe a execução da ação por parte do obrigado:

(22) 'they must do it' pressupõe 'they will do it'.

O segundo é a presença do componente necessidade somente em obrigação. Isto quer dizer que a necessidade é o elemento comum de causa necessária subjacente a todos os tipos de obrigação. Toda sentença modal de obrigação pode gerar uma pergunta com 'why'. Assim, os exemplos de B<sub>2</sub> poderiam ser questionados da seguinte maneira:

(18i) why must I support you?

(19i) why must she work to help her parents?

(20i) why must you stop thinking about him?

As respostas poderiam ser todas iguais (evasivas)

'Because it is necessary'



ou para cada uma poderia ser dada uma causa necessária específica, como, por exemplo, para (18i):

'Because you are my husband'

Isto não quer dizer que sentenças modais de permissão não possam ser questionadas com 'why'. Porém, o 'why', neste caso, não remete à causa necessária, mas a uma razão de explicação. Assim, se em (21) omitíssemos a oração não modal, deixando:

(21i) 'you may go to the cinema tonight'

e a questionássemos com:

'why may I go to the cinema tonight?'

a resposta seria a razão de explicação:

'Because you've done quite a lot of work today'.

### III - SN (C) POTENCIALIDADE

A potencialidade tem caráter atributivo, indicando uma qualidade latente.

#### a) SP (C<sub>1</sub>) Volição

A volição apresenta uma escala de intensidade bastante variável que vai desde a concordância relutante à discordância veemente. Entretanto, em cada caso, o atributo tem valor absoluto .

Em

(23) he will do it better than I (do) (he insists on  
doing it better than I (do))

a comparação é entre 'he do' e 'I do'.

#### b) SP (C<sub>2</sub>) Capacidade

A capacidade indica uma competência que, quando passível

de aferição, é medida pelo desempenho. Corresponde portanto a um atributo de valor relativo. Em:

(24) he can draw better than I (can) (he is able to draw  
better than I (am))

a comparação é entre 'he can' e 'I can'.

c) Relações entre Volição e Capacidade

Podemos dizer que a realização da volição depende da capacidade.

(25) I'll do it because I can (do it)

(26) I won't do it because I can't (do it)

(27) I would do it if I could (do it)

e mesmo em:

(28) I won't do it though I can (do it)

onde, apesar da aparente exclusão, fica implícita a necessidade de capacidade para a realização da vontade.

Este tipo de relação é facilmente visto nas situações tão comuns de desculpa social.

(29) I'd very much like to accept your invitation but  
I'm afraid I can't

QUADRO 3-I - CATEGORIAS ATUACIONAIS EM S NOS TIPOS  
BÁSICOS DE ORAÇÃO MODAL

I SN : AVALIAÇÃO

CATEGORIAS ATUACIONAIS		TIPO DE ORAÇÃO	SIGNIFICADO
Parte do Fenômeno		PROCESSO MENTAL	POTENCIAL DO MODAL
They		They should arrive soon	PROPABILIDADE
He		He may be ill	POSSIBILIDADE

II SN : COERÇÃO

CATEGORIAS ATUACIONAIS		TIPO DE ORAÇÃO	SIGNIFICADO
Paciente do modal	Agente do processo	AÇÃO POTENCIAL	POTENCIAL DO MODAL
you	you	You may eat the apple	PERMISSÃO
you	you	You ought to go home	OBRIGAÇÃO

III SN : POTENCIALIDADE

CATEGORIAS ATUACIONAIS		TIPO DE ORAÇÃO	SIGNIFICADO
Atributado pelo modal	Agente potencial do processo	RELAÇÃO ATRIBUTIVA	POTENCIAL DO MODAL
she	she	She will do it for you	VOLIÇÃO
they	they	They can help you	CAPACIDADE

## QUADRO 3-II - CLASSIFICAÇÃO SEMÂNTICA DOS AUXILIARES MODAIS

SP \ SN	[ A ]	AVALIAÇÃO
[ A <sub>1</sub> ] PROBABILIDADE		Will Must Have to Should Ought Would
[ A <sub>2</sub> ] POSSIBILIDADE		May Can Might Could

SP \ SN	[ B ]	COERÇÃO
[ B <sub>1</sub> ] PERMISSÃO		May Can Might Could
[ B <sub>2</sub> ] OBRIGAÇÃO		Must Have (got) to Be to Ought Should Had/'d better Need

SP \ SN	[ C ]	POTENCIALIDADE
[ C <sub>1</sub> ] VOLUÇÃO		Will Would Would/'d rather Shall Dare
[ C <sub>2</sub> ] CAPACIDADE		Can Could Will Would

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<sup>1</sup>HALLIDAY, M.A.K. "Language Structure and Language Function",  
p. 152 - 5

<sup>2</sup>\_\_\_\_\_ op. cit., p. 153.

#### 4. O FALANTE E OS SENTIDOS CIRCUNSTANCIAIS

É possível delimitar as grandes áreas ou campos em que a modalidade se diversifica e que foram por nós entendidos como significados potenciais.

##### 4.1 Origem dos sentidos circunstanciais

Os sentidos circunstanciais têm origem na maneira pela qual o falante utiliza o significado potencial para expressar sua atitude diante das circunstâncias envolvidas na mensagem.

Há duas ordens complexas de circunstâncias: a primeira é a realidade da pessoa do falante na complexidade de sua forma de sentir e interpretar, sua crença, suas reações intelectivas e emotivas; a segunda é a realidade do mundo, este compreendendo o universo humano e o universo de todas as instituições, de que o falante é parte.

A modalidade é o instrumento que permite ao falante revelar sua própria realidade reagindo dentro da realidade do mundo, isto é, a interação de uma realidade interior com uma exterior.

Acreditamos que a modalidade seja o mais complexo sistema da linguagem, exatamente pela integração que realiza do 'ser' subjetivo com o 'ser' objetivo, cujos limites são indemarcáveis, confundem-se.

##### 4.2 Determinação dos sentidos circunstanciais

Enumerar todos os sentidos circunstanciais seria tarefa improfícua por razão da ilimitada criatividade inerente à linguagem, propriedade essa evidenciada claramente na modalidade.

Por isso, é compreensível que cada trabalho sobre a modalidade seja singular. Cada autor vê a modalidade a seu modo; poderíamos mesmo dizer que cada trabalho revela o autor e sua concepção do mundo, as suas duas realidades.

Talvez, somadas as diferentes concepções, enfocando aspectos diversos, e acrescentada a nossa, possamos ter uma visão mais geral e mais satisfatória.

O tratamento dado aos modais em termos de usos nos dá mais uma prova cabal da impraticabilidade de unificá-los. Serão impróprios os usos que cada gramática, dicionário ou trabalho teórico atribui aos modais? Claro que não. Então o que há de errado em dar uma lista de usos?

O erro essencial não está em que qualquer lista de usos jamais possa ser completa, e sim no fato de se perder de vista o significado potencial. Se compreendidos os significados potenciais com todas as relações existentes entre eles, e conhecidas as duas ordens de circunstâncias, poder-se-á em cada situação real compreender os sentidos circunstanciais, como diversificações dos significados potenciais subjacentes.

Como compreender, pelo menos, as relações básicas entre as duas ordens de circunstâncias no sistema da modalidade?

Primeiro pela verificação empírica das relações entre os participantes, o modal e o processo.

Em segundo lugar, só poderemos figurar hipóteses do universo das instituições.

Conhecidas as relações que podem existir entre os participantes, os modais e os processos e configurando o universo das instituições, será possível depreender alguns sentidos circunstanciais.

### 4.3 Exemplos de sentidos circunstanciais

Como já foram definidas as relações entre participantes, modais e processos nos três tipos de oração, nos limitaremos a um número de exemplos que sejam suficientes para indicar a potencialidade inesgotável de opções que o sistema da modalidade nos proporciona em termos de sentidos circunstanciais. A impossibilidade de limitação será caracteristicamente indicada por etc., sendo que etc representará sentidos circunstanciais relativos a enunciados não exemplificados.

Os exemplos serão os dos tipos mais usuais da comunicação cotidiana.

O ponto de partida é o falante no seu universo interior

O falante pode falar sobre si mesmo, sobre o interlocutor ou sobre terceira pessoa.

Chamaremos de tema o 'sujeito gramatical' do enunciado. O tema será visto nesta ordem:

- a) o próprio falante
- b) o interlocutor
- c) terceira pessoa.

Ilustraremos com um exemplo de cada campo de significado potencial, sendo indicados os sentidos circunstanciais mais pertinentes em cada caso, como por nós interpretados.

#### 4.3.1 [ A<sub>1</sub> ] PROBABILIDADE

I - Tema: falante

Suponhamos que o falante queira expressar seu julgamento



quanto à probabilidade da realização de um acontecimento e que esse acontecimento seja sua promoção a um cargo melhor. Poderá dizer à sua mulher:

a) se tiver absoluta certeza da veracidade do que vai dizer, por razões objetivas e/ou subjetivas:

(1) I must be promoted very soon

b) se tiver quase certeza, assumindo a promoção como decorrência natural:

(2) I should be promoted very soon

c) se achar sua promoção quase certa por sentir que a merece:

(3) I ought to be promoted very soon

d) se tiver alguma certeza, por razões objetivas e/ou subjetivas:

(4) I  $\left[ \begin{array}{c} \text{will} \\ \text{'ll} \end{array} \right]$  be promoted very soon

Outras variações de grau de certeza podem ser indicadas pela entonação, e neste terreno as possibilidades são em grande número e dependem muito da emotividade do falante. A entonação é, geralmente, a melhor indicação do estado de espírito do falante.

Quando o enunciado é referente ao próprio falante, os sentidos circunstanciais perceptíveis pelo ouvinte são aqueles que antecedem os exemplos.

Se o falante quiser se autoconsolar ou auto-estimular, já não se tratará de uma avaliação de veracidade, e sim de uma con - tradição diante de condições adversas: uma atitude de recusa em

aceitar uma realidade ou uma manifestação de 'wishful thinking', isto é, 'sei que não é provável, mas quero acreditar que seja', atitude muito comum de autodefesa do indivíduo para sobreviver contra a adversidade das circunstâncias do mundo. Se justificados por elementos indicativos na configuração, poderemos ter outros sentidos circunstanciais de natureza psicológica.

II - Tema: interlocutor ou terceira pessoa

(5) you/he/they	<table border="0"> <tr> <td style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">must</td> <td rowspan="4" style="border: none; padding: 0 10px;">] be promoted soon</td> </tr> <tr> <td style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">should</td> </tr> <tr> <td style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">ought to</td> </tr> <tr> <td style="border-left: 1px solid black; border-right: 1px solid black; padding: 0 5px;">will/'11</td> </tr> </table>	must	] be promoted soon	should	ought to	will/'11
must	] be promoted soon					
should						
ought to						
will/'11						

Sentidos circunstanciais: inevitabilidade, merecimento, decisão, justificativa; etc.

III - Outros casos

a) o falante tem convicção absoluta em relação à veracidade de seu enunciado:

1) Tema: falante

(6) well, I had to be the one to clean up the mess, as usual

2) Tema: interlocutor ou terceira pessoa

(7) you had to come when you are least needed

(8) he has to make a fool of himself.

Sentidos circunstanciais: comprovação de expectativa, censura, desaprovação, desacordo; etc.

b) o falante presume sobre a veracidade de seu enunciado:

1) Tema: falante

(9) only a poor fellow like me would have such bad luck

2) Tema: interlocutor ou terceira pessoa

(10) you would try to deceive me

(11) that would be the new maid breaking the cups

Sentidos circunstanciais: inconformidade, resignação, censura, comportamento característico; etc.

IV - Tema: inanimado (concreto ou abstrato).

a) o falante manifesta seu grau de convicção quanto a um fato, presumindo que o atributo seja inerente:

(12) the countryside  $\left[ \begin{array}{l} \text{must} \\ \text{should} \\ \text{will/'ll} \end{array} \right]$  be nice in spring

Sentidos circunstanciais: suposição lógica, previsão lógica; etc.

(13) life  $\left[ \begin{array}{l} \text{must} \\ \text{has to} \\ \text{would} \\ \text{will/'ll} \end{array} \right]$  be dull on a desert island

Sentidos circunstanciais: suposição lógica; dedução lógica; etc.

b) o falante manifesta seu grau de convicção quanto a um fato, idealizando o atributo:

(14) that house  $\left\{ \begin{array}{l} \text{must} \\ \text{should} \end{array} \right\}$  be comfortable

(15) life  $\left[ \begin{array}{l} \text{must} \\ \text{ought to} \\ \text{should} \end{array} \right]$  be happier on a desert island

Sentidos circunstanciais: suposição subjetiva, impressão; etc.

4.3.2 [ A<sub>2</sub> ] POSSIBILIDADE

I - Tema: falante

O falante quer expressar aquilo que julga possível, baseado na realidade dos fatos.

a) se considerar que a realização do acontecimento é justificada por fatos reais de ordem geral, como o conhecimento que tem de que a firma promove seus funcionários de dois em dois anos, poderá dizer:

(16) I can be promoted this year

b) se achar que a realização se justifica por fatos reais de ordem específica, ou seja, o gerente está satisfeito com seu trabalho e deu-lhe ciência de que vai indicar seu nome para promoção:

(17) I may be promoted this year

c) se, apesar dos fatos reais, e neste caso tanto de ordem geral ou específica, sua atitude é menos confiante:

(18) I { might } be promoted this year  
           I { could }

O mesmo se aplica quando o enunciado envolve outras pessoas.

Os sentidos circunstanciais de 'possibilidade' são mais limitados, pois a realidade é restritiva: (16) poderia ter o sentido de 'entitled to' que HALLIDAY<sup>1</sup> classifica como uma categoria de 'permissão', ou de 'legitimacy', o termo empregado por HUDDLESTON<sup>2</sup> para indicar um dos usos de may e can correspondentes, segundo ele, à categoria tradicional de 'permissão', isto é, 'ter direito a', 'estar em posição de' e outros semelhantes ou deles derivados, dependendo a interpreta -

ção dos elementos variáveis de uma situação.

Já (17) não admite diversificação em sentidos circunstanciais, o acontecimento é possível ou não é possível. Só podemos duvidar mais ou duvidar menos quanto a sua realização, dúvida inerente à futuridade. Tanto é assim que a diferença entre a possibilidade de ordem geral ou teórica e a possibilidade de ordem específica ou prática é neutralizada em (18), quando o falante se mostra menos confiante, caso em que seu enunciado tem sentido hipotético.

## II - Tema: inanimado (concreto ou abstrato)

a) o falante expressa sua opinião quanto à possibilidade de da realização do acontecimento, com base no seu conhecimento dos fatos reais de ordem geral:

(19) drought in the northeast of Brazil can ruin crops

(20) adventure can be extremely exciting

b) o falante acha que os fatos reais, de ordem específica, justificam seu enunciado:

(21) the drought in the northeast of Brazil this year may ruin the crops

(22) his adventure may be extremely exciting

c) o falante admite uma possibilidade remota:

(23) drought in the northeast of Brazil  $\left\{ \begin{array}{l} \text{could} \\ \text{might} \end{array} \right\}$  ruin crops

(24) adventure  $\left\{ \begin{array}{l} \text{could} \\ \text{might} \end{array} \right\}$  be extremely exciting

(25) the drought in the northeast of Brazil this

(30)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{You} \\ \text{He} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{can} \\ \text{may} \end{array} \right\}$  drive John's car

Sentidos circunstanciais: aquiescência, conformidade, etc.

Esses casos são, porém, insuficientes para dar idéia dos variados sentidos circunstanciais que podem ser derivados do significado potencial 'permissão', razão pela qual acrescentaremos mais alguns exemplos.

V - Tema: interlocutor ou terceira pessoa

(31)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{may} \\ \text{can} \end{array} \right\}$  put the vase on the small table  
(for me)

Sentidos circunstanciais: ordem, sugestão, pedido; etc.

(32) you  $\left\{ \begin{array}{l} \text{may} \\ \text{can} \end{array} \right\}$  study medicine, but remember that  
a doctor's life isn't easy

(33)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{she} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{may} \\ \text{can} \end{array} \right\}$  marry Paul, though I doubt  
whether he's the right man for  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{her} \end{array} \right\}$

(34)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{may} \\ \text{can} \end{array} \right\}$  go about naked if  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you like} \\ \text{he likes} \end{array} \right\}$

Sentidos circunstanciais: concessão, desaprovação, censuras; etc.

Estes sentidos são marcados por but, (al)though, however, etc. e por if-clauses.

Aqui cabe ressaltar que não é adequado confundir sentido circunstancial com atitude psicológica. Se o enunciado revela ironia, desespero, reserva, etc., estes aspectos só são perceptí

veis ao 'vivo'. Na narrativa, o autor indica essas atitudes por expressões como 'he agreed unwillingly', 'he remarked ironically', etc.

#### 4.3.4 [ B<sub>2</sub> ] OBRIGAÇÃO

O falante quer expressar seu julgamento quanto a realização de um acontecimento, dependente de necessidade:

I - Tema: falante

O falante se julga obrigado a realizar um ato:

- (35) I must stop smoking
- (36) I must see him again
- (37) I must remember to phone her
- (38) I must finish this before the end of this month

Sentidos circunstanciais: compulsão interior, determinação, urgência, compulsão exterior, etc.

II - Tema: interlocutor ou terceira pessoa

O falante julga que outrem seja obrigado a realizar um ato:

- (39)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\}$  must stop smoking
- (40)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\}$  must see him again
- (41)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\}$  must remember to phone her

- (42)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\}$  must finish this before the end of  
this month

Sentidos circunstanciais: recomendação, advertência, ur  
gência, ordem, etc.

III - Tema: falante

O falante julga que a realidade do mundo exterior o o-  
briga a realizar um ato:

(43) I have (got) to find a better job

(44) I have (got) to talk to her about this

(45) I have (got) to work late today

Sentidos circunstanciais: urgência, submissão, etc.

IV - Tema: interlocutor ou terceira pessoa

O falante julga que a realidade do mundo exterior obri-  
ga outrem a realizar um ato:

(46)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\}$   $\left\{ \begin{array}{l} \text{have} \\ \text{has} \end{array} \right\}$  (got) to find a better job

(47)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\}$   $\left\{ \begin{array}{l} \text{have} \\ \text{has} \end{array} \right\}$  (got) to talk to her about this

(48)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\}$   $\left\{ \begin{array}{l} \text{have} \\ \text{has} \end{array} \right\}$  (got) to work late today

Sentidos circunstanciais: urgência, recomendação, ordem,  
etc.

V - Tema: falante, interlocutor ou terceira pessoa



O falante julga ser ele ou óutrem obrigado por agente pessoa a realizar um ato:

(49) I am to meet the director at the airport

(50) I am to be her bridesmaid

(51) You are to come back before midnight

Sentidos circunstanciais: imposição, escolha, recomendação, etc.

#### VI - Tema: falante

O falante considera, com menor certeza, ou que a realidade de seu mundo interior ou a do mundo exterior o obriga a realizar um ato:

(52) I  $\left\{ \begin{array}{l} \text{should} \\ \text{ought to} \end{array} \right\}$  tell them the whole truth

(53) I  $\left\{ \begin{array}{l} \text{should} \\ \text{ought to} \end{array} \right\}$  go to school tomorrow

Sentidos circunstanciais: compulsão interior, conveniência, etc.

#### VII - Tema: interlocutor ou terceira pessoa

O falante se considera obrigado a manifestar seu ponto de vista:

(54)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{should} \\ \text{ought to} \end{array} \right\}$  be less extrayagant

Sentidos circunstanciais: recomendação, exortação, advertência, etc.

## VIII - Tema: falante

O falante considera ser mais vantajoso para ele agir de um certo modo:

(55) I {had  
'd} better go straight home

Sentidos circunstanciais: conveniência, renúncia, prudência, precaução, etc.

## IX - Tema: interlocutor ou falante

O falante julga que a realidade objetiva recomenda que outrem aja de um certo modo:

(56) {you  
he} {had  
'd} better look for another job

(57) {you  
he} {had  
'd} better stop the noise

Sentidos circunstanciais: recomendação, advertência, ordem, etc.

## X - Tema: falante

a) o falante expressa compulsão interior:

(58) I need to be free from anxiety

Sentidos circunstanciais: condição essencial, condição permanente, condição de momento, etc.

b) o falante expressa compulsão exterior:

(59) I need to get there before them

Sentidos circunstanciais: exigência, compromisso, etc.

XI - Tema: interlocutor ou terceira pessoa

a) o falante manifesta sua opinião sobre compulsão interior de outrem:

(60)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{need} \\ \text{needs} \end{array} \right\} \text{ to feel that others trust } \left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{him} \end{array} \right\}$

Sentidos circunstanciais: crítica, revelação, etc.

b) o falante manifesta sua opinião sobre imposição exterior dirigida a outrem:

(61)  $\left\{ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{he} \end{array} \right\} \left\{ \begin{array}{l} \text{need} \\ \text{needs} \end{array} \right\} \text{ to be more attentive}$

Sentidos circunstanciais: advertência, censura, conveniência, etc.

#### 4.3.5 [ C<sub>1</sub> ] VOLIÇÃO

I - Tema: falante

O falante manifesta sua maior ou menor vontade de realizar um ato:

(62) I  $\left\{ \begin{array}{l} \text{will} \\ \text{shall} \end{array} \right\} \text{ do what I like}$

(63) I  $\left\{ \begin{array}{l} \text{will} \\ \text{'ll} \end{array} \right\} \text{ see you to the bus stop}$

(64) I  $\left\{ \begin{array}{l} \text{would rather} \\ \text{'d rather} \end{array} \right\} \text{ buy a Volks}$

Sentidos circunstanciais: insistência, determinação, o ferecimento, preferência, etc.

## II - Tema: terceira pessoa

O falante informa sobre o que considera ser a vontade de outrem:

(65) he will contradict everybody

(66) he  $\left[ \begin{array}{l} \text{will} \\ \text{'ll} \end{array} \right]$  do this for you

(67) he  $\left[ \begin{array}{l} \text{would rather} \\ \text{'d rather} \end{array} \right]$  remain a bachelor

Sentidos circunstanciais: insistência, determinação, boa vontade, preferência, etc.

## III - Tema: interlocutor ou terceira pessoa

O falante expressa sua opinião sobre vontade forte ou relutante de outrem:

(68) You dared contradict me

(69) He  $\left[ \begin{array}{l} \text{daren't} \\ \text{didn't dare} \end{array} \right]$  contradict me

Sentidos circunstanciais: reprovação, censura, auto-afirmação, etc.

4.3.6  $[ C_2 ]$  CAPACIDADE

## I - Tema: falante

O falante informa sobre sua capacidade:

(70) I can play the guitar

(71) I can understand his motives

(72) I can go with you

Sentidos circunstanciais: habilidade, percepção, oferecimento, etc.

II - Tema: interlocutor ou terceira pessoa

O falante informa sobre capacidade de outrem:

(73)  $\left[ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{she} \end{array} \right]$  can draw beautifully

(74)  $\left[ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{she} \end{array} \right]$  can remember the names of all  $\left[ \begin{array}{l} \text{your} \\ \text{her} \end{array} \right]$   
former students

(75)  $\left[ \begin{array}{l} \text{you} \\ \text{she} \end{array} \right]$  can help  $\left[ \begin{array}{l} \text{her} \\ \text{you} \end{array} \right]$  with the children

Sentidos circunstanciais: habilidade, faculdade, habilitação, etc.

III - Tema: inanimado (concreto)

O falante informa sobre as condições potenciais de 'caber':

(76) this class-room will sit fifty students

(77) this box will hold all the junk you have

Sentidos circunstanciais: estimativa, impressão, etc.

#### 4.4 Conclusões

1) Em nenhum caso houve alteração nas relações participantes/modal/processo em decorrência do acréscimo dos sentidos circunstanciais ao significado potencial.

2) Na maioria dos casos, os sentidos circunstanciais são indicados pelo falante pela escolha do verbo e dos comple-

mentos, e incidentalmente pela escolha de advérbios e conjunções.

3) Deixamos de indicar a incidência de acento nuclear nos modais, apesar de alguns autores o fazerem, por termos chegado à conclusão de que não há um só caso que não admita exceções. Todos os exemplos foram, a esse respeito, testados com informante.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- <sup>1</sup>HALLIDAY, M.A.K. "Functional Diversity...", p. 340
- <sup>2</sup>HUDDLESTON, R.D. The Sentence in Written English, p. 301 e 304.

## CONCLUSÕES GERAIS

1. No primeiro capítulo vimos que os critérios formais estabelecidos para distinguir a classe dos auxiliares modais são questionáveis quanto à sua eficácia: verbos com as mesmas características semânticas são excluídos da classe e um verbo (*used to*), semanticamente distinto, é incluído entre os modais por diversos gramáticos.

Consideramos que a classe deva ser demarcada por critério semântico.

Ficou claro, também, que a descrição semântica visando significados unitários ou feita em termos de usos é inadequada.

Julgamos que a descrição semântica deva ser em termos de campos de significados potenciais.

2. No segundo capítulo foi constatado que as definições de modalidade dos diversos autores apreciados eram deficientes para caracterizá-la como sistema e para permitir a determinação dos auxiliares modais.

Encontramos elementos na gramática sistêmica de Halliday que tornaram possível uma definição do sistema da modalidade e conseqüente delimitação de seus membros.

3. Definimos a modalidade como um sistema que permite ao falante manifestar o seu grau de convicção quanto à veracidade do conteúdo atual ou hipotético de seu enunciado.

4. Os critérios das relações atuantes/modal/processo e o das relações modal/processo possibilitam uma classificação semântica dos modais em três significados nucleares:



- avaliação, coerção e potencialidade, formando cada qual um campo semântico composto de duas categorias semânticas ou significados potenciais.

5. O campo da avaliação compreende os significados potenciais probabilidade e possibilidade;

O campo da coerção compreende os significados potenciais permissão e obrigação;

O campo da potencialidade compreende os significados potenciais volição e capacidade.

6. São os seguintes os componentes de cada significado potencial:

- Probabilidade: will, must, have to, should, ought, would.
- Possibilidade: may, can, might, could.
- Permissão: may, can, might, could.
- Obrigação: must, have(got) to, be to, ought, should, had/'d better, need.
- Volição : will, would, would/'d rather, shall, dare.
- Capacidade : can, could, will, would.

7. Os sentidos circunstanciais, derivados de cada significado potencial, são em número instável e imprevisível. Dependem de fatores não determináveis a priori.

8. O critério das relações modal/processo permite classificar as orações modais básicas em: orações de processo mental, orações de ação potencial e orações de relação atributiva.

- 1 - ALLEN, W. Stannard. Living English Structure. London, Longmans, 1967. 349 p.
- 2 - ALSTON, W.P. "Meaning and Use". In G.H.R. PARKINSON ed. The Theory of Meaning. London, Oxford University Press, 1968. p. 141 - 65.
- 3 - ANDERSON, John M. The Grammar of Case Towards a Localistic Theory. Cambridge University Press, 1971. 244 p.
- 4 - APOSTEL, Leo. "Syntaxe. Sémantique et Pragmatique". In Logique et Connaissance Scientifique, sous la direction de Jean Piaget. Dijon, Encyclopédie de La Pleiade, nrf, Editions Gallimard, 1967, p. 290 - 310.
- 5 - APOSTEL, Léo. "Épistémologie de la Linguistique". In Logique et Connaissance Scientifique, sous la direction de Jean Piaget. Dijon, Encyclopédie de La Pléiade, nrf, Editions Gallimard, 1967. p. 1056 - 96.
- 5-a - BACH, Emmon. "A Linguística Estrutural e a Filosofia da Ciência". Tradução: Yonne Leite. Novas Perspectivas Linguísticas. Petrópolis, Vozes, 1970. p. 11 - 27.
- 6 - BALDINGER, Kurt. Teoria Semántica. Hacia una Semántica Moderna. Madrid, Ediciones Alcalá, 1970. 278 p.
- 7 - BARTHES, Roland. Elementos de Semiologia. Tradução de Izidoro Blikstein. São Paulo, Editora Cultrix, 1974. (1964 by Editions du Seuil, Paris). 116 p.
- 8 - BENDIX, E.H. Componential Analysis of General Vocabulary: The semantic structure of a set of verbs in English, Hindi and Japanese. In International Journal of American Linguistics, Parte 2. Bloomington, Indiana University Press, 1966. p. 1 - 35.

- 9 - BERLIN, I. "Verification". In G.H.R. PARKINSON ed., The Theory of Meaning. London. Oxford University Press, 1968. p. 15 - 34.
- 10 - BIERWISCH, Manfred. "Semantics". In New Horizons in Linguistics. Edited by John Lyons. Harmondsworth, England, Penguin Books, 1971. p. 166 - 84.
- 11 - BLACKSTONE, Bernard. A Manual of Advanced English for Foreign Students. London, Longmans, 1961. (1ª ed. 1954). 414 p.
- 12 - BOLINGER, Dwight. Aspects of Language. New York, Harcourt, Brace & World, Inc., 1968. 326 p.
- 13 - BOYD, J. and THORNE, J.P. The Semantics of Modal Verbs, Journal of Linguistics. 5: 57 - 74, 1969.
- 14 - BULL, William E. Time, Tense, and the Verb. Berkely and Los Angeles, University of California Press, 1968. 220 p.
- 15 - CATFORD, J. C. A Linguistic Theory of Translation. London, Oxford University Press, 1965. 103 p.
- 16 - CATFORD, J.C. "The teaching of English as a foreign language". In: Randolph QUIRK and A.S. Smith ed., The Teaching of English. London, Oxford University Press, 1966, p. 137 - 159. (1ª ed. 1959).
- 17 - CHOMSKY, Noam. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, U.S.A., The M.I.T. Press, 1969. 251 p.
- 18 - CHOMSKY, Noam. Linguagem e Pensamento. Tradução de: Francisco M. Guimarães. Petrópolis-RJ, Editora Vozes Ltda., 1971. 127 p.

- 19 - CHOMSKY, Noam. Chomsky Selected Readings. Edited by J.P.B. Allen and Paul Van Buren. London, Oxford University Press, 1971. 159 p.
- 20 - CHRISTOPHERSEN, P. and SANDVED, A.O. An Advanced English Grammar. London, Macmillan, 1971. 278 p.
- 21 - COOK, John Lennox et al. A New Way to Proficiency in English. Oxford, Basil Blackwell, 1971. p. 99 - 112. p. 124 - 8. (1ª ed. 1967).
- 22 - CORDER, S. Pit. An Intermediate English Practice Book. London, Longmans, 1967. 257 p. (1ª ed. 1960).
- 23 - CRYSTAL, David. Linguistics. Harmondsworth-England, Penguin Books, 1971. 267 p.
- 24 - DIVER, William. "The Chronological System of the English Verbs". Word, 19 (1963): 141 - 81.
- 25 - DIVER, William. "The Modal System of the English Verbs". Word, 20 (1964): 322 - 52.
- 26 - DUCROT, Oswald. Estruturalismo e Lingüística. São Paulo, Editora Cultrix, 1971, 2ª edição. 246 p.
- 27 - ECKERSLEY, C.E. and ECKERSLEY, J. M. A Comprehensive English Grammar for Foreign Students. London, Longmans, 1966 (1ª ed. 1960).
- 28 - EHRMAN, Madeline. The Meanings of the Modals in Present-day American English. The Hague, Mouton & Co., 1966. p. 9 - 77.
- 29 - English Language Services, Inc. A Practical English Grammar. London, Collier-Macmillan, 1969. 243 p.

- 30 - FILLMORE, Charles J. "Verbs of Judging: An Exercise in Semantic Description". In: C. FILLMORE & D.T. Langendoen, ed., Studies in Linguistic Semantics. New York, 1971. p. 97 - 113.
- 31 - FIRTH, J.R. Selected Papers of J.R. Firth. 1952/59. Edited by F.R. Palmer. London, Longman, 1968. 209 p.
- 32 - FRIES, C.C. The Structure of English. 7th Imp., London, Longmans, 1967 (1951). 304 p.
- 33 - GREIMAS, A.J. Semântica Estrutural. Tradução de H. Osa-kabe e I. Blikstein. São Paulo, Editora Cultrêx, 1973. 330 p.
- 34 - HAAS, W. "The Theory of Translation". In G.H.R. PARKINSON ed, The Theory of Meaning. London, Oxford University Press, 1968. p. 86 - 108.
- 35 - HALLIDAY, M.A.K.; McINTOSH, A.; STREVEENS, P. The Linguistic Sciences and Language Teaching. London, Longmans, 1968 (1<sup>st</sup> ed. 1964). 307 p.
- 36 - HALLIDAY, M.A.K. "Some notes on 'deep' grammar". Journal of Linguistics. Vol. 2, No. 1, 57 - 67, 1966.
- 37 - HALLIDAY, M.A.K. "General linguistics and its application to language teaching". A. MCINTOSH & M.A.K. HALLIDAY. Patterns of Language Papers in General, Descriptive and Applied Linguistics. London, Longmans, 1967. p. 1-41.
- 38 - HALLIDAY, M.A.K. "Notes on transitivity and theme in English, Parts 1, 2 & 3", Journal of Linguistics, 3: 37 - 81, 199 - 244 (1967); 4: 179 - 215 (1968).

- 39 - HALLIDAY, M.A.K. "Funcional Diversity in Language as seen from a Consideration of Modality and Mood in English". Foundations of Language 6: 322 - 61, 1970.
- 40 - HALLIDAY, M.A.K. "Language Structure and Language Function". In New Horizons in Linguistics. Edited by John Lyons. Harmondsworth, England, Penguin Books, 1971 p. 140 - 65.
- 41 - HEAD, Brian F. "A Teoria da Linguagem e o Ensino do Vernáculu". Estudos Linguísticos. Petrópolis-RJ, Revista de Cultura Vozes, 5: 63 - 72, 1973.
- 42 - HEGENBERG, Leonidas. Definições termos teóricos e significado. São Paulo, Editora Cultrix, 1974, 1ª edição. 136 p.
- 43 - HORNBY, A.S. A Guide to Patterns and Usage in English. London, OUP, 6th.: Imp, 1960 (1954). 261 p.
- 44 - HORNBY, et al., The Advanced Learner's Dictionary of Current English. London, Oxford University Press, 1966. (2ª ed. 1963).
- 45 - HUDDLESTON, R. "Review of Madeline Ehrman, The Meanings of the modals in present-day American English", Língua 23 (1969), 165 - 76.
- 46 - HUDDLESTON, R. "Some Remarks on Case Grammar", Linguistic Inquiry, Vol. 1, nº 4 (1970): 501 - 11.
- 47 - HUDDLESTON, Rodney D. The Sentence in Written English: A Syntactic Study Based on an Analysis of Scientific Texts. Cambridge University Press, 1971. 344p.

- 48 - JACOBS, R.A. and ROSENBAUM, P.S. English Transformational Grammar. London, Ginn and Company Ltd., 1972. (1ª ed. 1968). 294 p.
- 49 - JESPERSEN, Otto. Essentials of English Grammar. London, George Allen & Unwin, 1960. (1ª ed. 1933). 387 p.
- 50 - JESPERSEN, Otto. A Modern English Grammar on Historical Principles, Part V. London & Copenhagen, George Allen and Unwin, Ejnar Munksgaard, 1954. (1ª ed. 1940). p. 150 - 208.
- 51 - JOOS, M. The English Verbs: Form and Meanings. Madison, The University of Wisconsin Press, 2ª ed. 1968. 249 p.
- 52 - KATZ, J.J. & POSTAL, P.M. An Integrated Theory of Linguistic Description. Cambridge, Mass., M.I.T. Press, 1964. 178 p.
- 53 - KEENAN, Edward L. "Two Kinds of Presupposition in Natural Language". In: C. FILLMORE & D.T. LANGENDOEN, ed, Studies in Linguistic Semantics. New York, 1971. p. 45 - 51.
- 54 - KELLY, Brian. An Advanced English Course for Foreign Students. London, Longmans, 1951. (1ª ed. 1940). 429 p.
- 55 - KLEIN, Philip W. Modal Auxiliaries in Spanish. Seattle, University of Washington, IV, 1968. p. 6 - 44.
- 56 - LAKOFF, George. "The Role of Deduction in Grammar". In: C. FILLMORE & D.T. LANGENDOEN, ed, Studies in Linguistic Semantics. New York, 1971. p. 63 - 70.
- 57 - LANGACKER, Ronald W. A Linguagem e sua Estrutura. Tradução de Gilda Maria Corrêa de Azevedo. Petrópolis-RJ, Editora Vozes Ltda., 1972. 262 p.

- 58 - LEECH, G.N. Towards a Semantic Description of English. London, Longman, 1971. 277 p. (1ª ed. 1969).
- 59 - LEECH, G.N. Meaning and the English Verb. London, Longman, 1971. p. 66 - 93.
- 60 - LOBATO, Lucia M.P. Os verbos auxiliares em português contemporâneo: critérios de auxiliaridade. No prelo.
- 61 - LYONS, John. As Idéias de Chomsky. Tradução de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo, Cultrix, 1973. 121 p.
- 62 - MARTINET, André. "A Functional View of Language". Oxford, Clarendon Press, 1967. 160 p. (1ª ed. 1962).
- 63 - MARTINET, André. Elements of General Linguistics. Tradução de Elisabeth Palmer. London, Faber & Faber, 1964. 205 p.
- 64 - MATTOSO CÂMARA JR., J. Princípios de Linguística Geral. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 4ª edição revista e aumentada, 1973. 333 p.
- 65 - MC CAWLEY, J.D. "Tense And Time Reference In English". In: C. FILLMORE & D.T. LANGENDOEN, ed, Studies in Linguistic Semantics. New York, 1971. p. 97 - 113.
- 66 - MCINTOSH, Angus. "Patterns and ranges". A. MCINTOSH & M.A.K. HALLIDAY. Patters of Language Papers in General, Descriptive and Applied Linguistics. London, Longmans, 1967. p. 183 - 99.
- 67 - MILLER, Cyril. A Grammar of Modern English for Foreign Students. London, Longman, 1972. (1ª ed. 1945). 274 p.



- 68 - MORRIS, Charles. "Foundations of the Theory of Signs". In: Foundations of the Unity of Science: Toward an International Encyclopedia of United Science. Vol. 1, Nº 2: 1 - 59. Chicago, The University of Chicago Press, 1970. (1ª ed. 1938).
- 69 - MOUNIN, Georges. Introdução à Linguística. Tradução de José Meireles. Lisboa, Iniciativas Editoriais, 2ª ed., 1972. 165 p.
- 70 - MOUNIN, Georges. A Linguística do Século XX. Tradução: Conceição Jardim e Eduardo Lucio Nogueira. Lisboa, Editorial Presença, 1973. 266 p.
- 71 - NESFIELD, J.C. English Grammar: Past and Present. London, Macmillan, 1956. 470 p. (1ª ed. 1898).
- 72 - NESFIELD, J.C. Outline of English Grammar. Revised ed. London, Macmillan, 1950. 239 p. (1ª ed. 1900).
- 73 - PALMER, Harold E. and BLANDFORD, F.G. A Grammar of Spoken English. Cambridge (Great Britain), W. Heffer & Sons Ltd., 1939. (1ª ed. 1924). p. 298.
- 74 - PALMER, H.E. and BLANDFORD, F.G. A Grammar of Spoken English. Revised and rewritten by Roger Kingdon. Cambridge (Great Britain), W. Heffer & Sons Ltd., 3ª ed., 341 p.
- 75 - PALMER, F.R. "The Semantics of the English Verb", Língua, 18 (1967): 179 - 95.
- 76 - PALMER, F.R. A Linguistic Study of the English Verb. London, Longman, 1970. (1ª ed. 1965). 199 p.

- 77 - PONTES, Eunice. Verbos Auxiliares em Português. Petrópolis-RJ, Editora Vozes Ltda., 1973. 145 p.
- 78 - POSTAL, Paul M. "Limitações das Gramáticas de Constituintes Imediatos". Tradução: Miriam Lemle. Novas Perspectivas Lingüísticas. Petrópolis, Vozes, 1970. p. 93 - 114.
- 79 - POTTIER Bernard. "La Definition Sémantique dans les Dictionnaires". In Travaux de Linguistique et de Litterature. 3: 33 - 40, 1965.
- 80 - POTTIER, Bernard. "Hacia una semántica moderna". Lingüística Moderna y filosofía hispanica. Madrid, Gredos, 1968. p. 99 - 133.
- 81 - POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, C. Teodoro. Estruturas Lingüísticas do Português. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1972. 138 p.
- 82 - PRIETO, Luis J. Mensagens e Sinais. São Paulo, Editora Cultrix, 1973, 1ª edição. 151 p.
- 83 - QUIRK, Randolph. "English Language and the Structural Approach". In: Randolph QUIRK and A.S. SMITH ed, The Teaching of English. London, Oxford University Press, 1966, p. 6 - 35. (1ª ed. 1959).
- 84 - QUIRK, Randolph. The Use of English. With Supplements by A.C. Gimson and J. Warburg. London, Longmans, 1963. 331 p.
- 85 - QUIRK, Randolph; GREENBAUM, Sidney; LENCH, Geoffrey; SVARTVIK, Jan. A Grammar of Contemporary English. London, Longman, 1973. 1091 p. (1ª ed. 1972).

- 86 - QUIRK, R. & GREENBAUM, S. A University Grammar of English. London, Longman, 1973. 484 p.
- 87 - ROBERTS, Paul. Modern Grammar. New York, Harcourt, Brace & World Inc., 1968. 435 p.
- 88 - ROBINS, R.H. General Linguistics: An Introductory Survey. London, Longmans, 1968. p. 391. (1ª ed. 1964).
- 89 - ROSS, John Robert. "Auxiliares as Main Verbs". In W. TODD ed., Studies in Philosophical Linguistics. Series One: 77 - 102. E. Vanston. Illinois (U.S.A.), Great Expectation, 1970.
- 90 - SAPIR, Edward. Linguística como Ciência. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1961. 203 p.
- 91 - SAPIR, Edward. A Linguagem. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1971, 2ª edição. 262 p.
- 92 - SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de Linguística Geral. São Paulo, Editora Cultrix, 1973, 5ª edição. 279 p.
- 93 - SCHEURWEGHS, G. Present-Day English Syntax. London, Longmans, 1966. (1ª ed. 1959). 434 p.
- 94 - SCHIBSBY, Knud. A Modern English Grammar. London, Oxford University Press, 1970. (1ª ed. inglesa: 1965). 390 p.
- 95 - SCOTT, F.S.; BOWLEY, C.C.; BROCKETT, C.S.; BROWN, J.G.; GODDARD, P.R. English Grammar - A Linguistic Study of its Classes and Structures. Auckland-New Zealand, Heinemann, 1968. 241 p.
- 96 - SERPA, Oswaldo. Gramática da Língua Inglesa. Rio de Janeiro, FENAME LEC, 2ª ed., 1971. p. 288

- 97 - SERPA, Oswaldo. Dicionário Escolar Inglês-Português, Português-Inglês. MEC. FENAME. 7ª ed., 1973.
- 98 - SILVA, Ignácio Assis. "Documentário: Direções Atuais da Semântica Estrutural". In Revista de Cultura Vozes nº 2 (1972), Vol. 66: 6 - 15. Petrópolis-RJ, Editora Vozes Ltda., 1972.
- 99 - SILVA, Ignácio Assis. "Diversificação Semolexêmica e Sinomímica". In Revista de Cultura Vozes, nº 2 (1972), Vol. 66: 51 - 60. Petrópolis-RJ, Editora Vozes Ltda., 1972.
- 100 - STRANG, Barbara M.H. Modern English Structure. London, Edward Arnold, second edition, revised, 1968. Reprinted 1970. 264 p.
- 101 - The Random House Dictionary of the English Language. Unabridged. ed. New York, Random House, 1970. (1ª ed. 1966).
- 102 - The Shorter Oxford English Dictionary, Oxford, Clarendon Press, 1952, 3ª ed. (1ª ed. 1954).
- 103 - THOMSON, A.J. & MARTINET, A.V. A Practical English Grammar. 2ª ed., London, Oxford University Press, 1972. 275 p.
- 104 - ULLMANN, Stephen. The Principles of Semantics. Oxford, Basil Blackwell, 1967. 349 p.
- 105 - VALLANDRO, Leonel e VALLANDRO, Lino. Dicionário Inglês-Português. Porto Alegre, Editora Globo, 1966, 2ª ed. (1ª ed. 1954).
- 106 - WARD, J. Hilington. Peculiarities in English Grammar. London, Longmans, 1967. 250 p. (1ª ed. 1957).

- 107 - ZANDVOORT, R.W. A Handbook of English Grammar. London, Longmans, 1969. (1<sup>st</sup> ed. 1957). 349 p.
- 108 - ZWICKY, Arnold M. "On Reported Speech". In: C. FILLMORE & D.T. Langendoen, ed, Studies in Linguistic Semantics. New York, 1971. p. 73 - 77.

E R R A T A

<u>Pg.</u>	<u>Linha</u>	<u>Onde se lê</u>	<u>Leia-se</u>
x	17	...number...	...number...
4	5	Entre aqueles, a quem..	( suprima-se as vírgulas)
9	2	..aspectos a melhor..	aspectos, a melhor...
7	23	..auxil-	..auxi-
	24	<u>iliary Verbs</u>	<u>iliary Verbs</u>
12	6	..books on Eng-	(suprima-se Eng-)
	7	lish grammar for...	English grammar for...
14	17	I suppose.'	I suppose.'
15	13	dais, porém é diverso	dais, porém, é diverso
17	7	1.4.4 Teremos, agora,..	1.4.4 Veremos, agora,..
18	26	Mesmo discordando em parte com a classificação...	Mesmo discordando em parte da classificação...
	27	dais e com o tipo...	dais e do tipo...
23	le 2	os modais teriam todas duas estruturas..	os modais teriam todos duas estruturas..
25	28	..analisa com tendo..	..analisa como tendo..
28	10	pressões verbais; que	pressões verbais, que
36	13	... <u>de modalidade</u> ...	... <u>da modalidade</u> ...
38	25	... termo não-mercado..	... termo não-marcado..
40	21	... frame work...	... framework...
43	2	... pelas modais...	... pelos modais...
52	2	(13) i The used...	(13) i They used...
66	13	signaificado nuclear,	significado nuclear,
70	10	(21) you're done...	(21) you've done...
84	10	O falante julta...	O falante julga...
85	18	suras; etc.	sura; etc.
86	12	... the end of this	... the end of the